

Tribuna da Luta Operária

Nº 14, ANO 1, DE 17 A 31 DE MAIO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Classe contra classe AGORA DENTRO DAS FÁBRICAS



Osmar, no momento de sua prisão

Libertar os presos

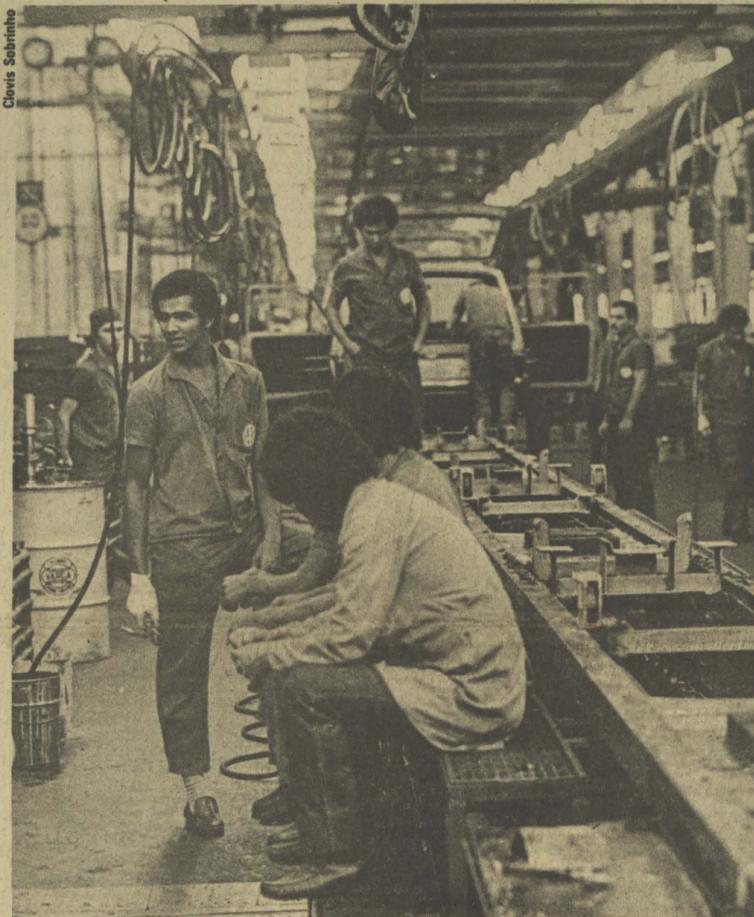
Arrancar Lula e os outros companheiros presos da prisão é a principal luta política dos operários e do movimento democrático e popular neste momento. É uma tarefa também para o Movimento de Anistia, que em seu congresso nacional, em novembro último, decidiu exatamente que sua continuidade se daria com base na solidariedade aos movimentos dos trabalhadores. Nunca será demais denunciar a violência e arbitrariedade da repressão. Ainda no dia 11, membros do DOI-CODI tentaram uma provocação para reprimir os metalúrgicos ao insistir em prender Osmarzinho dentro da Igreja Matriz, durante a assembleia. Na véspera, haviam seqüestrado de sua casa, sob mira de metralhadoras, o diretor do sindicato, Juraci Batista. Basta de repressão! — reclamam os trabalhadores.

CCO: objetivos e as tarefas

Pág 3

As lutas no Araguaia

Pág 4



Linha de montagem: o campo de batalha agora é aqui

Fortes, conscientes, organizados, os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema dizem: "voltar à fábrica não significa voltar a produzir". Adotam novas formas de luta, confiam no apoio ao fundo de greve e esperam que a solidariedade política se amplie (veja pg.8). Estão firmes, e aprenderam muito na luta, como mostra a entrevista exclusiva de quatro membros do Grupo dos 15 (Comando de Greve) na página 5.

Editorial

A GREVE ACABOU A LUTA CONTINUA

Nada como a luta vigorosa de massas para desmascarar o regime. O general Figueiredo, que até há pouco jurava implantar a democracia e posava de populista, perdeu as estribeiras. A região do ABC foi transformada em praça de guerra para combater a greve heróica dos metalúrgicos. Reuniões proibidas, prisões, bombas e espancamentos, mostraram a farsa da abertura. Logo que os trabalhadores e o povo exigem com mais energia os seus direitos, os generais entram em cena, arrogantes e arbitrários. Na prática, embora não oficialmente, aplicaram no ABC o chamado "estado de emergência".

O povo aprende com a vida. A greve mostrou que enquanto perdurar este regime, em que os militares monopolizam o poder, as cenas de violência contra o povo se repetirão. Não se pode ter ilusão. Para garantir a liberdade, a grande tarefa é liquidar o regime. Somente um governo com participação dos movimentos operários e populares, juntamente com as forças democráticas, pode concretizar esta aspiração.

Os metalúrgicos deram um exemplo valioso. Não cederam às ameaças. Foi a sua luta decidida que despertou o povo e a classe operária em todo o país. E mobilizou amplamente as forças democráticas e populares.

Terminada a greve, os metalúrgicos continuam sua luta com outras formas. Ao lado

do movimento popular e democrático, lutam pela libertação dos líderes presos. São doze presos políticos e a luta para que saiam das prisões tem grande importância, assim como a continuidade da luta contra a Lei de Segurança Nacional. Exigem também a recuperação dos sindicatos sob intervenção. E com vigor, dizem não às demissões. Lutam por negociações em torno de melhores salários e melhores condições de trabalho, além do pagamento dos dias de greve.

A luta grevista saiu dos limites econômicos, colocou frente a frente o regime militar e todo o movimento democrático. Mostrou a necessidade da unificação em todo o país dos movimentos operários e populares, de uma unidade popular, como base de uma ampla frente única para a derrocada do regime.

Agora, depois de cometer tropelias, o general Figueiredo fala em diálogo, pensa em amaciar o movimento operário. Mas os trabalhadores não têm memória curta. Encontrarão uma resposta à altura, que só pode ser a de organizar-se melhor ainda para os novos combates; a de coordenar suas atividades com a de todas as categorias profissionais, unindo-se mais ainda aos demais movimentos democráticos e populares. Basta de governo dos reacionários, dos exploradores e das multinacionais! Esta é a resposta do povo.



URSS

QUE COMUNISMO É ESSE?

A ilustração ao lado é de um anúncio de um banco dos Estados Unidos oferecendo "bons negócios" na União Soviética. Este é bem o símbolo da traição ao socialismo e volta da URSS ao capitalismo (Pág. 4)

Crise do governo O PMDB e o povo

Pág 3

Pág 3

Bahia: greve nos cafezais

Pág 4

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Trabalhadores rurais baianos querem ter vez na política

Povo luta contra fome

Recife, PE. No sábado, 3 de maio, cem donas-de-casa invadiram um posto de saúde na capital pernambucana e levaram para casa toda a alimentação para crianças. No mesmo dia, uma multidão de favelados tomava de um supermercado a comida de que precisava. Enquanto isso, no interior do Estado, a seca espalha a fome e também a revolta entre o povo. Nas regiões mais atingidas (Vale do Pajeú, Agreste Meridional, Vale do Ipojuca, Araripina e Arcoverde) os

saques a armazéns já tiram o sono das autoridades.

Na Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí acontece coisa semelhante. O povo pobre do interior, tangido pela estiagem e a fome, concentra-se nas cidades e os saques começam a acontecer, como em Cariacica. Nem o nordestino do campo nem o da cidade aceitam passar fome de braços cruzados. Vão tomar de quem tem, dos exploradores e do governo. (Do correspondente em Pernambuco)

Polícia toma universidade

Fortaleza, CE. Desde o dia 6 de março os estudantes da Universidade de Fortaleza (Unifor) estão em greve contra o aumento de 50% nas anuidades e por verbas para a educação. Mas as autoridades continuam intransigentes e no dia 8 de maio um batalhão de tropas de choque da Polícia Militar, fortemente armadas, ocupou a Unifor.

A reação truculenta do governo deve-se à ampliação da luta. O movimento, que inclui uma greve de fome de oito estudantes, foi apoiado por uma greve de solidariedade de um dia na Universidade Federal do Ceará, pela Igreja, inclusive o bispo D. Aluísio Lorscheider, por parlamentares e professores, além da opinião pública em geral. (Da Sucursal)



Greve da Unicap: retomada do movimento em Pernambuco

Retomada da luta estudantil

Recife, PE. Os estudantes da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) fizeram uma greve de três semanas contra o aumento de 50% nas anuidades. Foi a primeira greve desde 1968. A frente do movimento esteve a nova diretoria do Diretório Central dos Estudantes.

A greve enfrentou as acusações do reitor, de que era provocada por uma minoria, e as provocações de grupos de ultra-direita. Os estudantes fizeram noites de vigília para impedir o fechamento da

Em Mirador a base tem a palavra

Guanambi, BA. Os trabalhadores rurais do povoado de Mirador querem ter voz ativa na luta política do povo. Reuniram-se com seus líderes, como Adalberto Muniz (Caetano) e Luiz Pereira da Silva e destacaram a necessidade da luta pela reforma agrária e da organização dos trabalhadores de baixo para cima. Eles concluíram que a Tendência Popular do PMDB é a melhor opção no quadro formado com a reforma partidária de Figueiredo e resolveram continuar as discussões. (Da Sucursal de Salvador)

Grilagem urbana

São Luís, MA. A maré destruiu em janeiro os barracos de cem famílias no bairro de Santa Cruz. O Povo foi e construiu outros, num bairro novo, Vera Cruz. Mas agora tem de enfrentar os jagunços armados de um tal Nina Rodrigues, e mais ordem de despejo, do juiz da 4ª Vara Civil. Os moradores, porém, dizem que vão agüentar firmes. (Da Sucursal)



Em Rio Branco o povo pobre ocupa terras da periferia e exige desapropriação

Invasões: pelo direito de morar

Rio Branco, AC. Um dia antes da chegada do ministro do Interior, Mário Andreazza, para lançar no Acre o "Pró-Morar", 500 pessoas concentraram-se para exigir a desapropriação de uma área de Rio Branco, o bairro da Bahia, invadida por 800 famílias em março passado. Manuel da Silva Lima, morador

do bairro, conta como foi: "Eu também tirei um pedaço lá. A invasão começou porque assassinaram uma mulher e jogaram naquele lugar, que era só mato. O pessoal achou aquilo injusto e que o culpado era a terra abandonada. Resolvemos então ocupar a terra, e como tinha gente de outros bairros

precisando de lugar para morar também vieram ocupar aqui".

Com cerca de cem mil habitantes, Rio Branco é uma cidade inchada pelas levadas de gente expulsa do interior e com um crescente problema de moradia. (Da Sucursal)

Por um teto, contra a PM

Vitória, ES. Um verdadeiro exército está sendo usado contra o povo que está ocupando terras na periferia da cidade. Homens do Patrulhamento Tático Móvel e do Comando da PM, armados de metralhadoras, derrubam barracos, espancam e prendem homens, mulheres e crianças. Mais de 60 pessoas já foram presas e muitas espancadas.

por soldados da PM que tentaram sevirá-la. (Do correspondente)



Mulheres tomam terra

A tomada de terras está acontecendo nos bairros de Rosa da Penha, Morro de S. Benedito e Rio Marinho e a maioria dos ocupantes foi expulsa do campo. Maria Martins, por exemplo, veio do norte do Estado com o marido e dois filhos pequenos. A família estava há meses ao relento e quando soube que o povo estava "tomando terra sem dono em Cariacica" resolveu arrumar também "um lugarzinho para os meus filhos". Ela foi presa

Vitória dos jornalistas

Vitória, ES. O Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo conseguiu, pela primeira vez no Estado, um reajuste de 42%, cinco por cento a mais que o índice do governo. E o que é mais importante: conseguiu delegados sindicais por empresa, com estabilidade, o que vai proporcionar à categoria um grande avanço político e abrir

caminho para outros sindicatos obterem a mesma coisa.

Na campanha salarial, o sindicato, fundado no ano passado, conseguiu mobilizar a categoria e fazer assembleias com a presença de 70% dos 500 jornalistas profissionais do Estado. Foi este o segredo da vitória obtida. (Do correspondente em Vitória)

Chacon presente!

Fortaleza, CE. O movimento democrático e popular cearense acaba de perder, um companheiro de valor: Chacon. Ele foi um combatente anônimo do povo, que não tinha hora para trabalhar nem conhecia a palavra não. Com sua pequena gráfica, ajudou o quanto pôde as oposições sindicais, os movimentos pela anistia, as comunidades de bairro. (Da Sucursal)

A greve que não houve

O fracasso da greve dos motoristas e cobradores de São Paulo causou surpresa. Afinal, nas onze assembleias regionais se falava em greve e na assembleia geral de avaliação, de 25 de abril, havia 3 mil trabalhadores, num clima combativo. E a diretoria do sindicato parecia inclinada a mobilizar e organizar a categoria para a greve. Essa seria uma greve muito importante. Paralisaria a capital, forçaria a divisão das forças da repressão e contribuiria para fortalecer o movimento grevista em São Bernardo. Por isso era também temida pelo governo.



Votação que o Sindicato não assumiu

Mas algo aconteceu entre aquela assembleia e a do dia 5, a decisiva. Nesta estavam presentes só 1309 pessoas, numa categoria que congrega 45 mil. E a diretoria passara a mostrar-se reticente quanto à realização da greve. Acabou sendo decretada por apenas 400 profissionais dos 600 que permaneceram até o fim. A diretoria disse que acatava a decisão, mas na prática não fez nada. O sindicato permaneceu fechado pela madrugada. E os piqueteiros estavam sozinhos quando foram violentamente reprimidos pela polícia nas portas das garagens.

a greve vitoriosa realizada contra a vontade dos interventores. Um fato é que os patrões que, até dia 25 faziam pé firme em apenas 4% de produtividade além do INPC, contra a reivindicação de 2 mil cruzeiros fixos feita pelos trabalhadores recuaram e, com a intervenção da Prefeitura, chegaram a 8%.

Alguns homens ligados aos ex-interventores também estavam defendendo a eclosão da greve e chamando a diretoria de "pelega" porque queriam forçar a intervenção no sindicato para que pudessem retomar sua direção. Enquanto isso, o ministro do Trabalho ameaçava decretar a intervenção na primeira hora de paralisação. Por esses motivos, a diretoria teria passado a evitar a greve.

Manobras

As vezes é difícil encontrar a linha de divisão entre um compromisso justo e o que prejudica os trabalhadores. Mas a diretoria, em vez de encontrar uma saída combativa para as dificuldades, preferiu recorrer a manobras, algumas de cunho policialesco. Esses fatos também mostram as armadilhas que os patrões e o governo arrumam, visando corromper as direções sindicais. Agora, cabe à diretoria decidir se vai sucumbir a essas pressões ou se vai procurar recuperar-se diante da categoria e defender com mais firmeza os interesses dos motoristas e cobradores. (Olivia Rangel)



O povo mostrou sua força

"Força do povo"

São Paulo. Mais de mil moradores das vilas de Itaquera promoveram, no dia 27 de abril, uma assembleia popular reivindicando melhorias para o bairro. Na ocasião foi inaugurada também a Sociedade de Amigos "Força do Povo".

O povo esperou em vão o administrador regional. E enquanto esperava, os moradores se sucediam, do alto de um caminhão, denunciando o descaso das autoridades, a alto do custo de vida, a repressão à greve do ABC. No final, a assembleia decidiu por unanimidade marcar uma ida à administração regional, exigir o atendimento de suas reivindicações.

Poucos minutos depois, passou uma perua da PM, fato raro no bairro. E em seguida apareceu o administrador regional, dizendo que tinha passado mal com cólicas no rim. Pediu para chamar em casa os participantes da assembleia e perguntou se eram muitos. Quando lhe responderam que eram mais de mil, aí é que ele ficou doente de verdade. E quando disseram que iam procurá-lo na administração regional o homem ficou assustado. Quis, a todo custo, marcar outra reunião no bairro, prometeu que dessa vez chegaria na hora, mas a passeata já estava decidida. Sociedade de Bairro que realmente é do povo age assim: se a autoridade aparece, escuta o protesto; se foge, o povo vai atrás.

Ducha fria nos professores

Porto Alegre, RS. Os professores gaúchos de nível médio estão esperando que o governador do Estado atenda às reivindicações que encaminharam há quase um ano: equiparação com os professores de nível técnico, que receberam este ano um reajuste de 75% nos salários, contra apenas 56% para os de nível médio.

No dia 22 de abril, seis mil professores, reunidos em assembleia geral, manifestaram essa esperança. Um deles chegou a dizer que isto seria até uma "lição de Moral e Cívica", da parte do governador Amaral de Souza. Acontece que poucos dias depois o governador afirmou na imprensa que não concederia aumento de espécie alguma, "nem que os professores façam dois anos de greve".

Como reagirão os mestres na próxima assembleia, marcada para o dia 26 de maio, diante dessa ducha fria em suas esperanças? (Da sucursal de Porto Alegre)

Campanha amarrada

Porto Alegre, RS. A última assembleia da campanha salarial dos metalúrgicos foi bem diferente da anterior. A diretoria do sindicato convocou a assembleia só para realizar uma votação secreta, com forte presença policial, sem abrir a palavra. Só compareceram 2 mil trabalhadores e a maioria acabou aceitando a proposta do Tribunal Regional do Trabalho, porque as condições se tornaram difíceis para uma greve.

Na assembleia anterior, dia 23, havia 6 mil metalúrgicos e um clima bem mais combativo, de disposição inclusive para uma paralisação, que poderia levar a um acordo mais favorável.

Mesmo assim, a categoria conseguiu 89,6% de aumento nos salários, piso metalúrgico de 5.160



Toda esta energia não foi aproveitada

cruzeiros mensais e estabilidade de um ano para a comissão de salários. E mais: o grupo que edita o jornal "Nós Metalúrgicos" aumentou sua influência e agora assumiu a tarefa de organizar um movimento de oposição sindical. Para isto, conta com um bom número de companheiros, surgidos na campanha e dispostos a levar adiante a luta nas fábricas. (Da Sucursal de Porto Alegre)

"Sindicato é uma arma"

São Paulo. Pela primeira vez depois de 16 anos de peleguismo, uma chapa de oposição concorrerá na eleição para a diretoria do Sindicato dos Comerciantes de S. Paulo, entre 19 e 23 de maio. A oposição impôs-se como uma necessidade da luta contra a exploração patronal, os pelegos e as leis repressivas.



A chapa de oposição dos comerciantes

"Nossa grande tarefa é a luta para a união de toda a categoria — dizem os membros da chapa — pois precisamos de um sindicato

Tiradentes absolvido

Cuiabá, MT. No dia de Tiradentes, nove associações de bairro se uniram para apresentar um teatro popular, que terminou com o julgamento do mártir da Independência. Três mil pessoas assistiram ao espetáculo vaiando com toda força a comitiva do "vice-rei" e aplaudindo Tiradentes, que denunciava a entrega da soberania nacional brasileira. Os autores, mais de 50, também eram moradores dos bairros, auxiliados por João Batista, do Grupo de Teatro Selva. (Do correspondente)

Granja Portugal quer água

Fortaleza, CE. Centenas de moradores da Granja Portugal percorreram, no dia 25, os jornais, rádios e a TV local, com cartazes, reivindicando água. Terminaram a caminhada no gabinete do prefeito de Fortaleza, que, como de hábito prometeu resolver o problema.

Acontece que o povo pobre da periferia da capital cearense acredita cada vez menos nas promessas do prefeito Lúcio Alcântara, que sempre fala em água, esgoto, luz, ônibus, mas só de boca. (Da sucursal de Fortaleza)

Vitória: INPC mais 20%

Cuiabá, MT. Os vigilantes de Cuiabá entraram decididos na luta por melhores salários. Seu salário era de 2.600 cruzeiros e tinham de trabalhar 12 horas para chegar aos 4.600 cruzeiros. Mas no dia 26 de abril decidiram por unanimidade entrar em greve, numa assembleia de 700 pessoas. E a greve foi um sucesso. No quinto dia eles con-

seguiram 20% de aumento além do índice do governo.

Falando à Tribuna, o presidente da Associação dos Vigilantes afirmou: "A greve foi uma escola para nós e mostrou o quanto nós, trabalhadores, precisamos ser unidos para conseguir melhorar nossas condições de vida". (Do correspondente em Cuiabá)

Tribuna Operária

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.
Jornalista Responsável: Waldemar Marcondes

Endereço da Redação:
Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista, São Paulo, Capital - CEP 01325

Sucursais: Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 307 - Lapa - CEP 20241
Minas Gerais: Rua Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30000
Bahia: Rua Padre Vieira, 5, sala 307 - Salvador - CEP 40000

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
Endereço: Rua Beneficência Portuguesa, 44, conjunto 206 - fone: 228-5335 - CEP 01033 - São Paulo, Capital. E composta e impressa nas oficinas da Cia. Editora Jôrges

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ F.P. _____ Fone: _____
Estor. remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú, Ag. Jacequai, conta N° 03154, São Paulo Capital.

CDM

Centro de Documentação e Memória
Associação de Trabalho e Luta



A diretoria do CCO reúne-se pela primeira vez.

Centro de cultura operária

Foi fundado recentemente em São Paulo o Centro de Cultura Operária. Sua diretoria é composta essencialmente de operários e pessoas progressistas sabidamente comprometidas com a causa proletária.

O CCO tem como finalidade divulgar e promover a cultura operária em seus diferentes aspectos: sua história, suas lutas, sua teoria.

Já na primeira reunião da diretoria do Centro contamos com a participação do estimado companheiro José Duarte. Discuti-se as formas de concretizar os objetivos do CCO. Ficou claro para todos os participantes que sem dominar e aplicar o marxismo-leninismo é impossível à classe operária avançar na revolução e na conquista do socialismo.

dear a estratégia e a tática da classe operária. E, ao fazê-lo, luta também pela conquista dos objetivos imediatos da classe e do povo trabalhador, como melhores salários, estabilidade, direito de greve, etc.

Foram discutidas as tarefas prioritárias de Centro: cursos, palestras, debates, deverão ser preparados a curto prazo. Foi proposto também que tais atividades fossem levadas aos locais de concentração operária, próximo aos locais de trabalho e moradia.

Repercussões

Por outro lado, acusamos o recebimento de convites para participar do lançamento do CEP na Bahia, do Centro de Cultura Operária em Pirituba (S. Paulo), além do convite para participar de um ato público em Andradina e debater em Piracicaba. Isto vem comprovar o grande anseio da classe operária de discutir os seus problemas e o seu grau cada vez mais elevado de conscientização e organização.

O Centro de Cultura Operária conclama os operários, pessoas progressistas e o povo em geral a seguirem o exemplo de S. Paulo e organizarem outros centros com objetivos semelhantes.

O CCO encontra-se também à disposição dos sindicatos, sociedades amigos de bairros, clubes de mães e todas as entidades e movimentos populares que queiram trocar experiência conosco ou mesmo conhecer os materiais por nós divulgados. (Vital Eustáquio, pela diretoria do CCO)

Objetivos e tarefas

O Centro de Cultura Operária deve ser um instrumento a serviço da classe operária, da revolução e do socialismo.

A necessidade de um centro que propague a política do proletariado, sua forma superior de organização, sua teoria — o marxismo-leninismo, já vem se delineando há bastante tempo. No entanto, hoje é possível se criar o Centro de Cultura Operária graças ao avanço das lutas da classe operária e do povo em geral, ao grau de organização que se atingiu e às dificuldades que a ditadura vem enfrentando.

O CCO não se propõe a traçar a estratégia e a tática para a classe operária. Não se propõe tampouco a reformular ou resgatar a teoria revolucionária. O que o CCO se propõe é a propagan-

AVANÇO OPERÁRIO FORTALECE FRENTE ÚNICA

A classe operária atua com maior decisão e seu avanço fortalece as condições para a formação de uma frente única democrática e de unidade popular.

Vivemos um rico momento, que devemos avaliar em seu justo valor. Com a greve do ABC, a classe operária tornou-se, durante seis semanas seguidas, o centro do movimento político nacional. Quando, em nossa história, isso ocorreu antes? Sob esse impulso vigoroso o movimento democrático e popular fez avanços consideráveis em termos de seu aprofundamento e unificação.

E vejamos como ficou o governo: tentou impor à força sua política de arrocho salarial. Assumiu o papel de super patrão, envolveu-se diretamente na luta. Com isso, pensava liquidar o problema em poucos dias. Enganou-se. Provocou a politização da greve, isolou-se ainda mais do povo e viu, com muita preocupação, aumentarem as divergências em suas próprias fileiras.

Crise de governo

Tudo isso quer dizer que o movimento operário vai ocupar seu lugar como força social, avança na luta em defesa de seus direitos e interesses. Ainda há debilidades importantes? Sim, de fato. E a principal delas é que o partido da classe operária, marxista-leninista, não o esteja dirigindo efetivamente. Suas lideranças, saídas do movimento espontâneo, nem sempre conseguem estar à altura das decisões mais ousadas. E às vezes são superadas pelo impulso das bases.

O governo deixou à vista o processo de aprofundamento de sua crise interna. Enquanto o ministro da Justiça ficava 24 horas sem saber o que acontecia, o Exército passava a dar um "tratamento militar" à greve, dando os ordens e impondo uma intervenção de fato em São Paulo. Assim, enquanto o governo federal engolia sapos, para evitar uma divisão interna maior, o governador Maluf era reduzido a figura decorativa.

Porém, mesmo os chamados "duros" se viram sem força suficiente para levar até o fim os seus propósitos. Tiveram que recuar várias vezes. Sua principal derrota foi no 1º de Maio, quando, apesar de todos os preparativos agressivos do 2º Exército, o movimento operário conquistou a praça e o direito

de fazer uma das mais vigorosas manifestações políticas já ocorridas no país.

As leis e instituições do regime deram mostras do seu processo de falência: o Tribunal Regional do Trabalho, depois de se declarar incompetente para julgar a ilegalidade da greve, logo em seguida, sob ordens do Exército, julgou-a ilegal. O DOI-CODI, passando por cima de leis e autoridades, prendeu ilegalmente vários líderes grevistas e fez uma ameaça direta à Igreja ao prender o jurista Dalmo Dallari. Preso incommunicável, Lula foi visitado por diretores da FIESP, que foram à sua cela pressioná-lo a fazer acordos que não atendiam aos interesses dos trabalhadores. Dizendo sempre cumprir a lei, o governo violou a Constituição ao impedir as assembleias dos trabalhadores, negando-lhes o direito de reunião. E agora, quando milhares de operários assinaram um abaixo-assinado assumindo total responsabilidade pelas decisões tomadas por seus líderes, a Lei de Segurança Nacional está posta em causa. Ou todos os trabalhadores são enquadrados como os seus líderes — o que será o maior processo político já visto entre nós — ou que venha logo abaixo esse trambolho.

Resistência cada vez maior

A insistência do grupo que monopoliza o poder em manter sua organização antipopular encontra resistência cada vez maior, mesmo no seio da burguesia. A inflação, a dívida externa, o déficit comercial, cujo crescimento o governo não consegue conter, são exemplos do impasse a que os generais conduzem o país. Outro exemplo é o das eleições municipais deste ano, que o governo, certo da derrota, quer adiar, mas sem condições legais nem apoio parlamentar para tanto. E ameaça recorrer à intervenção em 4 mil municípios para fazer valer sua vontade autoritária. É inevitável que, diante disso, setores cada vez mais amplos falem da necessidade da convocação de uma Assembleia Constituinte para permitir uma alteração política ampla, em todos os terrenos de atividade.

E assim que a evolução política do

país vai colocando frente a frente duas forças: o regime pré-fabricado, onde predominam os militares, procura impor, de cima para baixo, suas soluções, decididas nos gabinetes do pequeno grupo que monopoliza o poder. Falando em abertura e usando o arbítrio, quer cercar as manifestações democráticas. Mas, de baixo para cima, encontra uma resistência cada vez mais forte e a ampliação da luta pela liberdade.

Unidade democrática popular

Na atual conjuntura, as diversas forças de oposição tendem a unir-se em torno de alguns pontos comuns. É uma aspiração generalizada quebrar o monopólio do poder, liquidar o regime militar e conquistar, de imediato, plena liberdade política, sem leis de arbítrio e sem repressão contra o povo. Toma corpo o sentimento da necessidade de substituir este governo por um outro, democrático e de unidade do povo, que garanta a convocação de uma Assembleia Constituinte, livremente eleita. Cresce também a exigência de uma nova política econômica, financeira, social, voltada para os interesses populares. Estes quatro pontos servem de base para a formação de uma ampla e combativa frente única, adequada à situação atual.

É certo que as várias correntes de oposição não vêm com os mesmos olhos essas mudanças. Para setores dominantes insatisfeitos, basta apenas a quebra do monopólio do poder, com a democratização das decisões somente para os diversos setores das classes dominantes. Outros, mais liberais, vão mais adiante e aceitam uma certa participação popular, mas sem abrir mão da hegemonia burguesa. Mas ocorre que a oposição popular e principalmente a classe operária vão atuando de maneira mais decisiva, manifestando-se de forma independente e já se preparam para disputar a hegemonia do movimento político. Assim, o movimento prático e a correlação de forças dentro dele vai apontando para a formação de uma frente única democrática e de unidade popular (Rogério Lustosa).

Partidos da oposição (III)

PMDB diante do dilema: conciliar ou combater

Uma das dificuldades notáveis da oposição popular, durante a greve dos metalúrgicos do ABC, foi para expressar, a nível nacional, o significado político daquele movimento e aglutinar forças em seu apoio. A camisa-de-força imposta pelo regime, através da reforma partidária, deixou de ser uma frase para mostrar que é de fato um obstáculo concreto, uma pedra no caminho da oposição popular, em particular da classe operária, que a impede de expressar-se politicamente e de ter acesso ao parlamento.

Nenhum dos partidos de oposição com existência legal pôde desempenhar esse papel. O PT mostrou sua impotência. O PTB, sua adesão ao governo. Os liberais, que dirigem o PMDB, mostraram-se contraditórios. Foram ativos principalmente nos momentos em que as limitadas conquistas democráticas dos últimos tempos se viram ameaçadas. Sua atuação que, no plano parlamentar foi a mais destacada, demonstrou a correção da opinião daqueles setores da oposição popular que defendem a validade de uma aliança com os liberais. Enquanto persistir o regime de negação da liberdade, haverá razões objetivas para essa aliança porque esses setores liberais também estão interessados na ampliação das liberdades políticas, conforme acabam de demonstrar.



Políticos do PMDB entre operários

defesa da causa dos operários. Capaz de não permitir que a solidariedade à greve se limitasse quase que unicamente ao nível material, e que mobilizasse amplamente a solidariedade política de vastas camadas da sociedade, em lutas específicas dos vários setores, que se unificassem nacionalmente capitalizando o enorme potencial antigovernista e obrigassem o governo a recuar de sua intransigência e arrogância.

Faltou uma atuação parlamentar mais combativa e afinada com os interesses da classe operária e do povo, que no momento mesmo da greve, tivesse a iniciativa de apresentar ao parlamento projetos de mudanças ou revogação das leis de arrocho salarial, de greve, sindical e de segurança nacional, mobilizando a opinião pública do país contra toda essa legislação antidemocrática que sufoca o movimento operário e popular.

Tendência Popular, um recurso

A Tendência Popular do PMDB, ainda não organizada e enfrentando grandes obstáculos, não atuou como tal durante a greve, embora parlamentares e ativistas que a compõem tenham se destacado na ação em seu apoio. Mas a

própria limitação e ambigüidade dos liberais do PMDB, mostrou também que esse partido só pode ser um instrumento ativo das lutas populares se dentro dele, conforme, aliás, prevê o item 6 dos princípios básicos de seu programa, se organizar uma corrente política representante da oposição popular. Cabe a essa tendência popular, enfatizar as posições mais avançadas do programa partidário, atuar combativamente para abrir espaço dentro do PMDB para a defesa dos autênticos interesses populares.

Isto é, os acontecimentos também mostraram que enquanto persistir essa situação em que o regime nega à classe operária e a diversas camadas populares o direito de organizar-se politicamente, a organização de uma representação da oposição popular dentro do PMDB é igualmente uma necessidade objetiva para que os movimentos populares possam ter voz naquele partido. E que só de dentro da oposição popular é que podem sair propostas para a superação da crise econômica, social e política em que o país se encontra.

Pela plena liberdade

Mas, ainda que a Tendência Popular consiga superar todos os obstáculos que o governo, os reformistas e conciliadores procuram antepor à sua organização, ela será uma corrente minoritária, sempre questionada, dentro de um partido reformista. Sua organização será uma grande vitória da oposição popular, fator aglutinador da frente dos setores populares. Mas terá limitações, já que é um esforço para furar o bloqueio imposto à oposição popular pelo regime e as leis antidemocráticas dos generais. Ocupará a custo de muita luta um espaço que lhe é negado e só existirá na medida em que conte com apoio das massas populares e em que consiga ser, de fato, instrumento ativo a serviço das lutas do povo.

É inegável que, mesmo assim, dentro dessa conjuntura de limitações, a Tendência Popular surge como a alternativa mais ampla e mais avançada de representação política da oposição popular. Porém, as dificuldades que a cercam são o indicador claro de que a classe operária e o movimento popular não podem esmorecer, mas insistir sempre e acima de tudo na necessidade de plena liberdade de organização partidária. Para que o PC do Brasil, partido da classe operária, venha a organizar-se legalmente, assim como outras forças de raiz popular, hoje todas banidas da vida política. (Carlos Azevedo).



No 1º de maio, Washington de Souza discursou para a multidão.

Ele fala das lutas na Bahia; esteve nelas

Ele é um pedaço da história do movimento sindical na Bahia. Washington José de Souza tem 55 anos, electricista, com 21 anos de militância sindical. Ele é quem conta:

"Aprendi a ler e li Marx, Lênin e outros autores. Aos poucos fui me integrando no movimento revolucionário. Em 1958 vim do Rio para a Bahia, transferido pela empresa na qual trabalhava. Trabalhei na instalação da refinaria, em Mataripe, até ser demitido porque a empresa não cumpriu o programa e gritei! Fui trabalhar na Petrobrás, onde ajudei a fundar o Sindicato dos Trabalhadores no Refino de Petróleo, e novamente fui demitido. Voltei a trabalhar como electricista, filiei-me ao sindicato, fundado em 1924, mas sua diretoria era manobrada pela Federação.

Congresso de electricistas

"Fundei a primeira Liga Matriz, em Lauro de Freitas, mais tarde dirigida por Porfírio e transformada em Liga Camponesa. Participei da fundação de associações camponesas, inclusive em Tuiutuba, no alto São Francisco. Numa chapa de coligação, fui eleito presidente do sindicato dos electricistas, em 1959. Como companheiros de chapa: Lígia, autêntica dirigente; Florentino Silva, velho combatente. Em dois mandatos, o sindicato firmou-se como entidade de luta no cenário político baiano, sendo solidário a todos os trabalhadores em luta e participando de importantes congressos de trabalhadores. Quando fazíamos greve os operários da construção civil também paravam.

"Em 1963, foi fundada a Federação

dos Trabalhadores na Indústria Imobiliária. No mesmo ano, em Salvador, realizamos o congresso dos electricistas com a presença de sindicatos do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia. Foi assistido por dirigentes cubanos que estavam em visita ao Brasil. O sindicato tinha 900 associados conscientes e combativos.

Greve vitoriosa

Já se discutia a necessidade de transformar a estrutura social brasileira e a greve era o grande instrumento de luta. A situação dos delegados sindicais nas empresas era estável. Entretanto, quando o delegado do Trabalho proletava o reconhecimento de alguma entidade, arrancávamos a oficialização com greve. Legalizamos a Federação dos Trabalhadores na Indústria Imobiliária com mil operários em greve.

"Esta greve nasceu o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Imobiliária, de Candeias e São Francisco do Conde. Eram trabalhadores da Petrobrás discriminados, não reconhecidos como petroleiros. A paralisação foi vitoriosa. Assegurou transporte e melhores salários, apesar de Mário Lima e Milton Valença, dirigentes de sindicatos petroleiros não terem dado apoio. Apoiamos a invasão da Terra Vermelha, em Cachoeira. Iamos lá derrubar as cercas feitas pelos grileiros. Fizemos o pacto operário-estudantil, depois ampliado para pacto operário-estudantil-camponês." (Na próxima edição continuaremos contando a história da vida e das lutas de Washington Souza, no período pós-1964). Entrevista a Maria Schaum e Artur de Paula, da sucursal da Bahia.

O campo sofre e luta

Reforma agrária é o 1º ponto

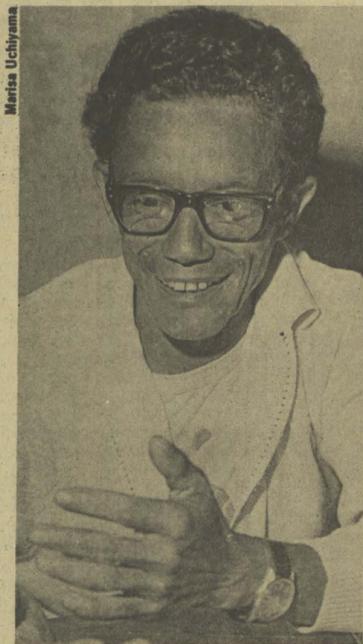
Entrevista de Raimundo Ferreira, da oposição sindical de Conceição do Araguaia, sul do Pará, sobre os conflitos na região e os planos de sua chapa para o sindicato:

"Aquele é uma região palco de conflitos, de luta pela terra, de expulsão de lavradores.

Eu gostaria de falar sobre algo que ocorreu ainda agora, no dia 30 de abril. A fazenda Aldeia contratou uns capangas e levou muitos homens para tomar as terras dos posseiros, que moram lá há seis anos. Duas mulheres e quatro homens conseguiram desarmar esses pistoleiros e foram até Conceição entregar as armas para a polícia.

Sempre ocorre esse tipo de coisa por lá. Resistência armada não ocorre todo dia. Mas despejo, sim. A polícia bate, maltrata, trata o pessoal como se não fosse gente.

E os posseiros reagem. O fato é que eles estão encurralados, não têm mais saída. Já perderam a fé no governo. E aí os posseiros têm que brigar mesmo. Muitas vezes entramos em terra demarcada. E aí dizem que estamos "invadindo" terra dos outros. Agora eu pergunto: se um cara que quer vinte alqueires para parar de comer à família e vender algum



Raimundo Ferreira fala à TO

produto está "invadindo", quem toma 20 mil alqueires, o que está fazendo?

Pelego no sindicato

Para enfrentar esses problemas, nós temos um órgão, que é o sindicato dos trabalhadores rurais, com 10.300 associados. Mas o órgão não defende os posseiros, os lavradores. Está sempre do lado do patrão. Recentemente o pre-

sidente foi arrolado num processo como testemunha de acusação de posseiros, a favor dos irmãos Badozzi, da fazenda Marajoara II.

Depois de estudar esta situação, resolvemos fundar a oposição sindical para concorrer no pleito de 29 de junho próximo. Ela foi muito bem aceita na região.

Se não houver bandalheira, acreditamos que temos condições de vencer com 90% dos votos.

Reforma agrária

O primeiro ponto de nosso programa seria uma reforma agrária imediata, sem a transferência dos lavradores. Porque o governo quer fazer uma concessão aos grupos Bamerindus, Bradesco, Almeida Prado, etc., tirando os lavradores do local e levando para os "prontos-socorros", como nós chamamos, que são as regiões de Tailândia e São Félix do Xingu. Além disso, reivindicamos a melhoria das estradas e melhores condições de atendimento sanitário nos povoados.

A chapa de oposição é formada por 14 pessoas. Não saiu dos gabinetes, saiu do povo, numa assembléia com 70 pessoas. Pela primeira vez na história do sindicato (fundado há 10 anos) tem uma mulher na chapa, a Corina. Com a participação dela, a gente nota que as mulheres ficaram mais entusiasmadas, com vontade de lutar.

Nesse encontro sindical em que estou participando, adquiri muita experiência sobre a bandalheira dos pelegos. E agora vamos tomar medidas de precaução para não sermos comidos. A máquina dos pelegos é a mesma, aqui e lá. Só que lá os operadores são um pouco mais fracos..."

A grande traição ao socialismo (I)

União Soviética voltou a ser capitalista

O golpe e o "pragmatismo" de Krushev. As reformas de Kossiguin e a volta do lucro, da concorrência de preços, da repressão e disputa de mercados. Como a nova burguesia embolsa a mais-valia criada pela classe operária soviética.

Será que a União Soviética dirigida por Brejnev continua hoje no mesmo rumo traçado por Lênin em 1917? O Partido Comunista da União Soviética de hoje é o mesmo Partido Bolchevique que realizou a grande Revolução de Outubro? E o exército soviético, que invadiu a Checoslováquia em 1968 e o Afeganistão em 1979, é o mesmo Exército Vermelho que serviu de baluarte da derrota do nazi-fascismo na 2ª Guerra Mundial? De lá para cá a sociedade soviética seguiu decidida na transição para o comunismo?

Os atuais dirigentes soviéticos respondem que sim, para se afirmar como herdeiros do grande prestígio e da simpatia que a primeira pátria do socialismo conquistou entre as massas de todo o mundo. As forças alinhadas com o imperialismo ocidental também dizem que sim, pra desacreditar a teoria e os ideais comunistas perante os olhos dos trabalhadores e dos povos.

Mas uma análise dos acontecimentos reais mostra outra coisa. Sempre ouvimos falar da União Soviética como um Estado socialista. Há um quarto de século, isto correspondia à realidade, hoje não. E o movimento operário mundial vê-se obrigado a encarar este fato de frente, para colher ensinamentos que o orientem agora e no futuro.

Luta de classes

Após tomar o poder, em 1917, os trabalhadores soviéticos se empenharam numa encarniçada luta contra as classes exploradoras do seu país. Esta luta culminou em meados da década de 30 com a expropriação final dos últimos redutos da burguesia no campo. Havia-se completado a transição para o socialismo.

Mas a luta de classes não terminou na União Soviética. Continuou a existir na sociedade, a se refletir dentro do Estado, dentro do partido e até mesmo nas idéias dos homens. Passou a ser basicamente uma luta entre aqueles que queriam avançar nas tarefas de passagem ao comunismo e os que das mais variadas formas se colocavam contra isso. Essa luta sofreu uma mudança após a morte de Stálin, em 1953, com a ascensão de Krushev.

O golpe de Krushev

A ascensão de Krushev ao poder representou exatamente uma vitória da parcela de altos funcionários do Estado e do partido, administradores e diretores de empresa, intelectuais etc., que contestavam o caminho que a sociedade soviética vinha trilhando. O ataque aberto à linha política vigente até então foi desferido através do "Relatório Secreto" de Krushev ao 20º Congresso do PCUS, em 1956, que atacava violentamente a pessoa e a obra de Stálin. Em 1957, Krushev esmagou a oposição do partido num golpe de Estado, com o auxílio do marechal Zhukov.

Uma vez no poder, Krushev não demorou em propor uma nova política econômica "pragmática" em substituição à linha por ele chamada "dogmática", que havia predominado até então. No seu pragmatismo, desconsiderou as tarefas históricas que estavam colocadas para a classe operária soviética. A série de medidas que se seguiu, num processo de cerca de dez anos, reestruturou por completo a sociedade "em novos moldes". Só que não eram nem de perto moldes socialistas.

Restauração capitalista

A primeira medida foi tomada em 1958. As Estações de Máquinas e Tratores passaram de propriedade do Estado soviético à propriedade das unidades coletivas de produção. Ao vender aos trabalhadores de uma única unidade de produção máquinas pertencentes a todo o povo, negava-se na verdade o caráter centralizado da economia. Liberavam-se as forças atrasadas que abriam caminho para o fortalecimento do papel do mercado e a restauração do capitalismo, na agricultura e na economia como um todo. Depois, Krushev resolveu elevar o papel do "estímulo material" na economia, medida que reforçava a posição da camada dirigente.

Outras medidas se seguiram, todas apontando na mesma direção — a descentralização da economia, o alargamento dos poderes dos administradores e diretores de empresa, o aprofundamento das desigualdades na sociedade, a concentração das riquezas e privilégios, o enorme reforço do papel do mercado na economia soviética.

As reformas de Kossiguin, em 1965, completaram, em menos de cinco anos, o processo de restauração capitalista. Oficializaram a nova ordem vigente na União Soviética, dando o tiro de misericórdia no que restava de socialismo. Os principais aspectos dessas reformas foram:

1. A meta da produção de cada em-



presa passou a ser o lucro.

2. Cada empresa passou a gozar de "autonomia financeira", gerindo seus próprios recursos da forma que quisesse.

3. Passou a haver uma maior "flexibilidade" nos preços, permitindo que eles flutuassem de acordo com as oscilações do mercado.

4. Os poderes dos administradores e dos diretores de fábrica foram alargados a tal ponto que eles passaram a poder despedir operários para aumentar a "eficiência" da sua produção.

Este último item revela até que ponto se abandonara o socialismo. O direito inalienável do homem ao trabalho fora consagrado na própria constituição soviética de 1936. No socialismo, a disciplina de trabalho é livre e consciente, não se baseia na ameaça do desemprego. Com as reformas de Kossiguin a classe operária soviética é novamente submetida a uma disciplina burguesa-repressiva de trabalho. O partido do proletariado, de inimigo ferrenho das injustiças e da desigualdade, se transforma num partido burguês, perpetuador dos privilégios e da exploração.

Quem fica com a riqueza

Mas a quem beneficia essa disciplina? Para onde vai a riqueza produzida pelos trabalhadores soviéticos?

A mais-valia criada pela classe operária soviética vai para os bolsos da nova burguesia dos seguintes modos:

1. Através dos salários muito desiguais: enquanto um operário da indústria tem um salário mínimo de 70 rublos mensais e na agricultura de 52 rublos, um membro da burocracia do Estado, do partido, das forças armadas, um cientista etc., pode ganhar 3, 4, 5 mil rublos ou mesmo mais.

2. Através das regalias sociais e privilégios: os novos burgueses têm automóveis por conta do Estado, direito a mais de uma casa, possibilidade de adquirir artigos de consumo que não se encontram nas lojas para o grande público etc.

3. Através dos fundos de estímulo das empresas, que são dados a diretores, tecnocratas e burocratas em forma de prêmios em dinheiro e de outras regalias.

A propriedade estatal soviética virou, na verdade, uma forma de propriedade privada capitalista com um alto grau de concentração. Não existe propriedade privada pela lei, mas existe "de fato".

Por ser um capitalismo que nasce da degeneração do socialismo, o novo sistema soviético tem algumas características diferentes dos países de capitalismo clássico. Apesar de todas as medidas descentralizadoras, ele ainda mantém um grau de centralização e planificação estatal maior do que os países do Ocidente. Uma diferença do que acontece nos países de capitalismo clássico, é que na União Soviética, a mais-valia não é apropriada de acordo com o capital de cada capitalista. Ela é distribuída de acordo com o posto ocupado pelo funcionário na hierarquia estatal, econômica etc. Por exemplo, em 1966, o diretor da fábrica de lâmpadas elétricas de Moscou recebia um salário mensal de mil rublos. Enquanto isso, o salário médio dos operários era de 60 a 70 rublos.

Os membros superiores do Estado e do partido têm "conta ilimitada" no Banco do Estado e quando querem comprar alguma coisa é só retirar os rublos que desejarem. Não é à toa que uma lista incompleta dos carros de Brejnev inclui um Mercedes 900 um Mercedes 1200, um Citroën SM com motor Maserati, um Maserati e três Rolls Royce que vão à revisão em Londres. (Luis Fernandes. No próximo número, os reflexos dessas mudanças na política externa da URSS).

BA: greve no café

Doze de maio de 1980 é um dia que vai ficar na história para os 30 mil catadores de café da região de Vitória da Conquista, na Bahia. Neste dia eles iniciaram, pela primeira vez, uma greve da categoria.

Antes, disso houve uma campanha salarial bastante movimentada, inclusive com uma assembléia de 4 mil trabalhadores, no dia 28 de abril, apesar da chuva que caía. A assembléia aprovou entre outras reivindicações um aumento de 100% na diária paga aos catadores, igualdade de pagamento para homens e mulheres, meio turno de trabalho para os menores (que trabalham um turno inteiro atualmente mas recebem a metade da paga de um homem), maior segurança no trabalho. E como os patrões se mostrassem intransigentes, inclusive negando direitos trabalhistas já assegurados por lei, os assalariados do café decidiram entrar em greve, justamente na época da cata.

Fala a Comissão

A Tribuna Operária entrevistou em caráter exclusivo alguns membros da Comissão Salarial que está dirigindo a paralisação:

TO. Como surgiu a Comissão?

Comissão. A situação está muito ruim, o patrão está se alimentando bem e os pobres dos trabalhadores comendo o que eles acham. Aí a gente viu que esta situação não pode se prolongar por mais tempo, porque, se estamos passando fome, mais fome vamos passar. Aí começamos conscientizando os companheiros em reuniões, de que devíamos fazer uma luta que ia ser prolongada.

TO. Qual tem sido a atuação do sindicato?

Comissão. Nenhuma. Pode ser que daqui pra frente faça alguma coisa, mas até a data de hoje o sindicato não tomou posição nenhuma defendendo o trabalhador. Só veio dar um apoiozinho depois que a Fetag tomou a frente. O nosso sindicato tem sido mais patronal do que a própria classe. O próprio presidente não é trabalhador, pois ele tem uma boa fazenda. Mas a gente deve se associar, mesmo sendo o sindicato pelego, que é pra gente modificar o sindicato. Tinha gente que não ia lá e hoje o sindicato virou caminho de roça pra eles.

TO. Quais são as principais reivindicações de vocês?

Comissão. Primeiramente um salário que dê pra família da gente viver melhor. Também exigimos salário igual para o homem e para a mulher. Na nossa região tem companheiros ganhando 100, 80 cruzeiros e tem mulher ganhando 60, 50 cruzeiros por dia. A maioria dos homens está parada preferem pagar às mulheres que o salário é mais baixo. Botam também crianças pra trabalhar no lugar dos homens, trabalhando no meio do veneno, porque o café está envenenado mesmo. Na nossa região a gente pode contar dez, doze mulheres numa roça de café para um, dois homens. Os filhos dos fracos não têm condição de vir pra cidade estudar. Então a criança faz até o quarto ano, quando acontece fazer, e fica por lá mesmo.

(Do correspondente em Vitória da Conquista, BA)



Como os operários, os camponeses lutam por seus direitos

Um exército de jagunços

Dom Pedró Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, denunciou no último dia 2 em Goiânia, o clima de terror e morte existente na região de Ribeirão Bonito e Cascalheira, município de Barra do Garças. Um exército de pistoleiros, foi contratado por grandes fazendeiros para amedrontar e até mesmo matar os posseiros do município e circunvizinhanças.

Quarenta posseiros estão foragidos na mata, perseguidos pelo exército de jagunços. No início do mês foi morto, na região, o marceneiro Pedro Basílio dos Santos, com 12 tiros desferidos por

dois pistoleiros, por ter ido à delegacia reclamar da impunidade dos jagunços que andavam armados na rua. Após o crime, os jagunços foram à delegacia e simplesmente anunciaram que haviam eliminado o Pedrinho Marceneiro. A polícia não fez nada. E outras pessoas estão ameaçadas de morte.

A população local vem tomando várias providências para fazer frente aos jagunços. Uma delas é se manter constantemente em reunião e tomar as providências necessárias contra as prisões, espancamentos, queimas de barracos e outros ataques do exército de pistoleiros. Dom Pedro entrou em contato com a CNBB e com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura, além das denúncias na imprensa. (Da Sucursal de Goiânia)



Este homem era escravo na Jari

Escravidão na Jari

O motorista Lourival Paiva Barradas, que reside na cidade maranhense de Rosário, denunciou a escravidão branca que impera na região do famigerado "Projeto Jari": os trabalhadores recebem apenas Cr\$ 2.800,00 por mês, dos quais são descontados Cr\$ 2.600,00 sob diversos pretextos, ficando portando com um saldo mensal de Cr\$ 200,00. E dificilmente podem sair dali, pois um prato de alumínio custa 80 cruzeiros, uma colher 50 cruzeiros e um maço de cigarros, 80 cruzeiros. Pegam o trabalho às 4 hs da manhã e só largam às 17 hs, tomando apenas uma refeição por dia. A empresa EMA tem cerca de 3 mil trabalhadores nessas condições. (Da Sucursal)



D. Pedro denuncia grileiros



A polícia começou: provocou, bateu, jogou gás. A paciência dos operários se esgotou. Protestaram e reagiram. O resultado foi uma batalha de mais de cinco horas, nas ruas.

Eles comandam a greve

Entrevista com quatro membros do Grupo dos 15, que dirige a luta dos metalúrgicos de São Bernardo

A assembleia do dia 11, que decidiu levar a luta para dentro das fábricas, acabou há poucos minutos. No salão dos fundos da Igreja Matriz de S. Bernardo, cheio de pilhas de sacos e latas de mantimentos do Fundo de Greve, quatro metalúrgicos se reúnem em volta de uma mesa: P., da Brastemp, K., da Mercedes Bens, B., da Volkswagen até três dias antes da greve (foi mandado embora) e A., da Rolls Royce.

Os quatro andam na casa dos vinte anos de idade. E fazem parte do famoso "Grupo dos 15", o segundo escalão de líderes de S. Bernardo e Diadema, que assumiu o comando da luta quando a polícia prendeu Lula e quase toda a diretoria efetiva do Sindicato. Eles contaram para a Tribuna o que está liderando o movimento e emergente pensa sobre o movimento que vem comandando há quase um mês, para o desgosto do governo, que tentou decapitar o sindicato.

A.: No balanço destes 41 dias, o mais evidente é o grau de combatividade e de independência política que os trabalhadores manifestaram o tempo todo. E o que é independência política neste momento? É assumir o seu próprio destino, se organizando nos bairros, nas fábricas, antes da greve. E, como resultado desse trabalho de organização, um avanço muito rico nas formas de luta. Por exemplo, em relação aos piquetes e ao Fundo de Greve, o próprio pessoal foi assumindo por conta própria. Isto para mim mostra um tremendo grau de independência política. Além disso, um negócio extremamente positivo: o espírito de unidade dos trabalhadores e de todo o povo em torno da classe operária. Esta realmente mostrou qual é a classe que puxa as lutas pela democracia. Há ainda o sentido de solidariedade internacional dos trabalhadores.

Agora: eu acho que existem algumas debilidades também. Apesar desse alto espírito de solidariedade, a gente também viu uma certa debilidade na intervenção mais radical de todos os trabalhadores do país, o que seria uma greve, uma forma de paralisação de todos os trabalhadores. Podia ser uma greve geral, podiam ser manifestações parciais...

E essa debilidade, pra mim, não reside em que os trabalhadores são mais radicais ou menos radicais em tal ou qual lugar. Mas uma política sindical está precisando ser definida neste país com mais combatividade.

K.: Eu acho que esta greve prolongada, de 41 dias, teve avanços, saltos de qualidade, muito grandes. Os dirigentes sindicais, que comandaram o processo de luta, tiveram um avanço político muito grande. E o que é mais importante

trabalhadores de todos os setores do Brasil e de vários setores do mundo se organizando em função de nos dar um apoio político e financeiro. Se fosse pela organização do Fundo de Greve, pela organização nos bairros, a gente conduzia essa greve por dois anos. Mas greve é um processo transitório. A paralisação fora das fábricas foi um estágio. O segundo estágio vai ser dentro das fábricas.

Só para dar um exemplo, em relação ao Fundo de Greve: os posseiros lá de S. Félix do Araguaia foram expulsos da terra deles, algum tempo atrás. Estão se reorganizando, no mato, pra poder tomar as terras de novo. Pois bem: esse pessoal, numa situação assim, difícil pra burro, se reuniu, levantou um dinheiro, dois mil cruzeiros, e mandou pro Fundo de Greve. Isso é pra ver a importância da greve do ABC pro avanço da luta operária e camponesa no Brasil inteiro. E no mundo.



De volta a fábrica, para lutar

Agora, na fábrica, vamos lutar no nosso terreno

B.: Essa greve revelou o nível político da classe trabalhadora. Agora ela não é simplesmente por melhorias econômicas. A questão que está sendo levantada pelo pessoal é a política. O pessoal começa a adquirir também uma disposição clara pra mudar esta política. A gente vê uma disposição pra mudar até o governo. Pra uma luta pra scudir mesmo esse regime. Isso ficou claro pra gente.

Outra coisa é a capacidade de organização. É uma coisa que, cada vez mais, vai muito além do que a gente imagina. É uma capacidade infinita.

P.: O movimento foi planejado, a gente tinha mais ou menos previsto. Só que algumas coisas surpreenderam — pontos negativos e positivos.

Pontos positivos seriam: Muita organização espontânea que a gente foi descobrindo, nos bairros. O próprio operariado já está se organizando. Quando você chegava assim no bairro, era convocado numa reunião, o pessoal já estava discutindo desde antes da greve. Também a conscientização que o pessoal chegou a atingir. Hoje a gente não vê ninguém falar que o sindicato agiu errado, o pessoal já previa esta dificuldade toda, sabe que o grande culpado de tudo foi a repressão.

B.: Quanto a este negócio de repressão, tem um negócio que eu venho pensando. Eu acho que faltou, depois da greve do ano passado, uma avaliação assim mais concreta da parte da gente, daquele pessoal mais ativista de S. Bernardo. Eu acho que se a gente tivesse avaliado poderia partir do que foi a greve do ano passado pra frente. No fim da greve do ano passado o pessoal já levantava esta questão: como enfrentar a polícia?

E aqui, este ano, a gente repete quase que as mesmas dificuldades. A gente sente que na questão da repressão a gente caiu na defensiva. Pelo menos esta foi a orientação da Comissão: defensiva. Então vem aquele caso: se não dessem o campo, na praça, se não dessem na praça, na igreja, se não dessem na igreja, ia pra casa... Até que a massa começou a exigir uma posição mais forte da Comissão. No 1º de Maio, a nossa posição era

fazer a passeata. Mas com o aparato repressivo a gente estava indeciso. Foi a massa que começou a organizar a passeata, lá na rua. Na segunda-feira, a mesma coisa. Foi a massa que começou a enfrentar a polícia. E a avaliação que a gente fez foi de que aquilo foi positivo, repercutiu e aumentou o moral do trabalhador.

P.: O operário, o cara que trabalha na máquina, conhece aquilo profundamente. Aquilo lá é terreno dele. Nós, agora, vamos lutar no nosso terreno. Dentro da fábrica a gente conhece onde estão as ferramentas, cada local onde se pode atuar, e a gente pode fazer um monte de coisa. Todo peão tem a consciência do que ele pode produzir e o que ele pode boicotar. E esse boicote, se é um negócio realmente massivo, é a guerrilha dentro da fábrica.

A.: Tem gente que fala que isso é um apelo muito geral. Mas este apelo geral é a referência para os trabalhadores, que, com a criatividade que eles têm, vão fazer o diabo dentro de cada fábrica. O trabalhador não precisa ter tudo muito certo e direitinho. Precisa de uma direção. Esta direção está colocada no boletim.

B.: O negócio é que nem o percurso de um rio. Na medida que a gente volta pra fábrica, volta ao antigo leito, o eixo da luta vai pra fábrica. Mas a gente vai deixar esses bairros minados, vai deixar lá a organização.

A.: Com relação ao sindicato, o mais importante foi conseguido. O sindicato somos nós. O espírito sindical, o espírito de luta da classe operária, se faz em qualquer lugar.

Mas, mesmo assim, a gente não vai deixar de pegar um território que é nosso, que é aquele prédio. A gente vai programar tudo em relação a isso, desde não deixar um minuto de paz pro interventor e a camarilha dele lá, até a gente invadir esse sindicato com a nossa presença e fazer nossas assembleias lá dentro.



Unidos, dispostos a vencer

Do mato, os posseiros mandaram dinheiro para o fundo de greve

B.: Uma das grandes coisas que empurraram essa greve, além da vontade da massa, do custo de vida alto, foi o sindicato. Ele deu confiança aos operários.

Por isso — é um consenso da Comissão toda — a gente mantém que deve retomar aquele sindicato. Aporrinhar mesmo o interventor, levar os problemas pra ele resolver. E a gente não levanta a questão de eleição. Queremos é o retorno da nossa diretoria ao sindicato.

A.: Este grupo dos 15 é que nem um dedinho na mão. Se não fosse a Comissão de Salários e o pessoal do Fundo de Greve, a gente não poderia ter exercido este papel de coordenação que a gente exerceu.

Agora, o que eu acho mais positivo neste Grupo dos 15 é que a gente assumiu a direção do movimento com um alto espírito de unidade. Tanto em relação à diretoria do sindicato como em relação a todo o movimento. Foi o es-

pírito da gente, de sempre procurar o apoio, viesse de onde viesse.

Todos estes canais que foram criados, Comissão de Salários, Fundo de Greve, organizações nos bairros, souberam colocar pra gente o termômetro do movimento, para se saber onde avançar, saber dar um passo atrás, saber modificar a tática da luta, saber organizar melhor.



ABC espera apoio: greve geral

Precisamos que façam greves de apoio. Meu desejo é greve geral

K.: Como o A. colocou, uma coisa importante é que se criou no Grupo dos 15 uma unidade de trabalho e de pensamento. Não houve mais aquelas discussões bizantinas nas reuniões. Ontem, na reunião, o companheiro V. fez uma proposta. Depois, fizeram outra e ele retirou a dele porque achou que a outra era melhor. Isso aconteceu muito nas reuniões.

B.: A experiência do Grupo dos 15 foi positiva mesmo. Foram companheiros de base mesmo, que aprenderam a manejar com a coisa. A questão da direção, como dirigir uma greve.

A gente desenvolveu o nosso espírito de vigilância, nos dois sentidos: a vigilância com a repressão, em todas as formas, em como fazer reunião. Realmente a gente precisa tomar cuidado, porque a gente considera o Grupo dos 15 como a cabeça e se perder a cabeça a greve pode continuar, mas continua de uma forma desorganizada.

A gente desenvolveu também a vigilância contra os reformistas, contra os que queriam conciliar e os que lutaram contra a nossa greve. Houve várias tentativas de tomar a direção dos trabalhadores, vindas de elementos conciliadores, reformistas, uns ligados ao parlamento, alguns ligados ao pessoal da "Unidade Sindical". Mas a gente estava totalmente vigilante. Aonde a gente via que tinha gente querendo decidir o nosso destino, caía de sola. Isto foi uma experiência mesmo altamente positiva.

A.: A gente viu durante a greve, não no jornal nem nada, mas na luta mesmo, quem é que está a fim de levar a emancipação do povo pra frente e quem não tá, quem é bombeiro neste país e quem não é. Foi na prática mesmo. Nego queria conciliar, fazer média: "não, isso é muito radical, não pode, pode trazer problema", e a gente via o sentimento dos trabalhadores, que é lutar, com bom senso, sabendo em cada momento como fazer, mas para levar a luta até o fim.

Foi assim que a gente pôde distinguir, dos dirigentes sindicais, quais estão do nosso lado. A gente vê João Paulo, David de Moraes, Jacó Bittari, uma série de companheiros que sempre estiveram do nosso lado. E a gente viu uma porção de nego aí, com quem a gente vai até somar em alguns momentos, mas que está a fim de apagar o fogo da nossa luta.

Por exemplo, o pessoal do ABC que se formasse um comitê unitário de

solidariedade — que é algo que nos interessa muito — aqui no Estado de S. Paulo. A gente sempre disse que não importava de onde vinha o apoio, mas importava que ele fosse o mais unido possível, para ser mais eficaz. E a gente viu que a "Unidade Sindical" (da qual a gente participa e vai continuar a participar) e algumas tendências mais estreitas al quiseram de todo modo capitanear o

movimento por decreto e não pelo seu trabalho. Neste momento, a gente viu que quem trabalhava é que devia ter direito à palavra. Por exemplo, a Frente Nacional do Trabalho foi no 1º de Maio e falou porque tinha um enorme trabalho.

A.: Esse pessoal que voltou ao trabalho nos últimos dias de greve, porque estava numa situação insustentável, já está dando uma resposta. Muitas cabines de caminhões lá na Mercedes já estão voltando para reparo. Muitos motores já estão tendo que ser revisados. Isso porque o pessoal tá botando aquela fé no serviço... a fé dá gente continuar a luta.

B.: No setor que trabalhava lá na Volks, na prensa, eu já imagino o que vai acontecer porque antes da greve já tinha a operação marcha-lenta. E alguns companheiros já faziam essa coisa. Por exemplo: o ferramenteiro, nas prensas, ele pode colocar o estampo torto e as peças saem tortas. Ou o controlador de peça, que toda peça passa na mão dele, pode mandar peça rachada para linha. Se o peão da linha tá consciente, ou ele manda de volta, para atrasar a produção, ou ele taca no carro e isso vai dar problema. Na linha, é apertar o parafuso pela metade, que vai dar problema. O peão, o trabalhador brasileiro, tem a malícia suficiente para fazer esse tipo de coisa.

B.: o pessoal que voltou esta semana voltou organizado. A ferramenta da Volks escreveu uma carta e mandou pra Comissão de Salário e pra diretoria. Foi uma reunião de 130, mais ou menos. Eles colocavam que iam voltar ao trabalho segunda-feira, tendo a aprovação da assembleia ou não, mas iam voltar para continuar a luta lá dentro. E com todo respeito pela Comissão e a diretoria. Vários setores, da Volks, da Mercedes Benz, da Scania, fizeram isso.

O negócio que a gente defende é começar a sistematizar essa organização, com as comissões de fábrica. É isso que a gente vai procurar tirar como saldo organizativo dessa greve.

Tribuna: Que tipo de solidariedade vocês desejam, nesta nova fase da luta?

K.: Greve geral. A.: Desejo é uma coisa, acontecer é outra. Eu desejo uma greve geral. Realmente acho que só com uma greve de todos os trabalhadores, com manifestações estudantis e tal é que a gente consegue uma força maior. Embora isso não seja o determinante.

Esse negócio de greve geral não é só a gente que coloca. Qualquer pessoa chega pra você na rua e comenta: "Essa greve de vocês é bonita, mas precisa parar todo mundo". P.: Financeiramente também a ajuda é importante, porque algumas empresas vão começar a mandar pessoas embora. E estas pessoas terão que ser sustentadas pelo nosso Fundo de Greve, que vai continuar.

B.: É isso que o A. falou. Há possibilidades de declarar greve mesmo. Até que a gente tem que cobrar um pouco. Por exemplo, os petroleiros lá de Campinas não teriam a possibilidade de fazer greve? E preciso cobrar dos estudantes, por exemplo, que a gente achou eles fracos, nessa greve. Com toda a capacidade que eles têm de mobilização, eles podiam tirar passeata aí na rua, pedindo a negociação, a soltura dos presos, tudo isso. Acho que por isso a gente precisa cobrar dos estudantes.



Aprendendo a não temer a polícia

Há um ano o pessoal já perguntava: como enfrentar a polícia?

é que a classe trabalhadora como um todo cresceu de um ano pra cá. É impossível se comparar o sentimento de classe que havia no ano passado com o deste ano. Avançou a organização nos bairros, a organização do Fundo de Greve. E a organização pelas fábricas, que vai acontecer agora, vai ser o maior saldo político que está greve vai dar.

Outra questão: uma greve prolongada é uma greve de resistência. E nós vimos

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Rua de Santo Antônio, 111, Vânia Coimbra e Ariovaldo dos Santos

fala o POVO

"Fala o Povo" é uma das seções mais importantes de nosso jornal. Uma seção viva e vibrante, onde o povo fala de sua vida, de sua luta, de seus sofrimentos e suas vitórias. Continuem a escrever. Denunciem a tirania e a exploração, relatem seus problemas e seus êxitos. Contribuam para que "Fala o Povo" continue a ser uma seção combativa, uma tribuna de luta. (Olivia Rangêl).

Operários do ABC, estamos com vocês!

Em março de 1980, na fábrica Bardella a comida no refeitório era insuportável. Alguns diziam que era pior do que ração de porco.

Os operários da fábrica se uniram e começaram a boicotar a comida, o que ocorreu durante dois dias, apesar da chefia tentar dividir o movimento. A maioria, cerca de 90% no primeiro dia e 60% no segundo dia, aderiu ao movimento, o que deixou o Sr. Bardella com dor de estômago.

Mas os operários foram vitoriosos e, graças a essa luta, a comida melhorou.

A comida, a condução e a assistência médica da Bardella não são nenhum favor do patrão porque para isso ele tem incentivos fiscais. Com isso, alguns operários são

iludidos e esquecem que são explorados, produzindo mais e esquecendo de reivindicar seus direitos, como ocorreu na última greve, onde os operários foram coagidos pela chefia do departamento de pessoal a furar a greve e a voltar ao trabalho.

Mas hoje, com a luta do ABC, os operários sentem: sua força (no 1º de Maio fizeram a polícia fugir da praça e de Vila Euclides) e mostraram que pressão da chefia não adianta mais. Dão assim grande exemplo para toda a classe operária, mostrando que a greve é sua grande arma e que a classe operária é a grande força do Brasil. Viva a classe operária! Trabalhador unido jamais será vencido! (Um grupo de operários da Bardella - São Paulo, SP)

Não há paz em Alagamar

Nós, agricultores de Alagamar, Maria de Melo e Piacás só ouvimos a propaganda botada pelo governo nos rádios e sabemos que na TV também está passando estas propagandas. Somente se diz que o governador fez a paz em Alagamar, mas nós estamos esperando a paz que ainda não chegou.

Mesmo nestes dias que o rádio e a TV falam a toda hora de paz em Alagamar alguém botou nos jornais "O Norte" e "A União", no domingo, 13 de abril, que um agricultor matou o Severino Juvino. Não sabemos quem colocou isto nos jornais e qual a intenção. Gente da nossa comunidade não foi e nem aconteceu isto aqui.

Aqui em Alagamar reside um agricultor de nome Severino Juvino

mas ele está vivo e não aconteceu nada com ele. Ele nunca foi a favor da comunidade e é dessa cooperativa que está atrapalhando demais nossa comunidade. Por causa dessa cooperativa é que não tem paz em Alagamar, porque antes de ter esta proposta de cooperativa aqui, aquelas pessoas que eram contra a comunidade estavam se aproximando por modo de ser comunitário como nós. Como nós sabemos, o Inca e outros doutores do governo pegaram aqueles do contra que nunca lutaram em favor de nossa comunidade e fundaram esta cooperativa.

(...) E o Inca e os outros doutores do governo que estão dando apoio a estes do contra, que estão puxando os unidos pra brigar. Isto

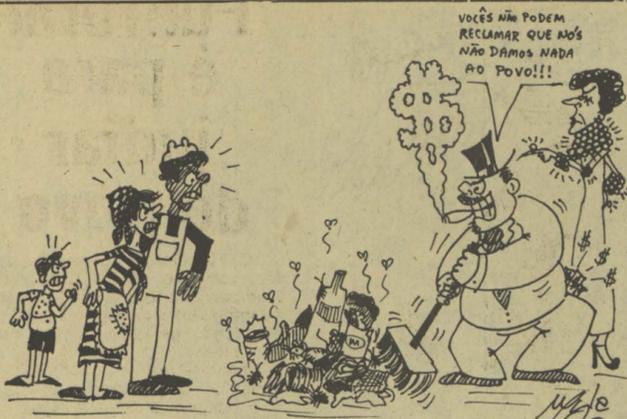
Pai, você trouxe pão? Não, só um abraço

Nós, os vigilantes de Cuiabá, sempre defendemos os bens alheios de uma maneira justa e honesta. Mas sentimos uma grande falta de condições para manter nossas famílias. Unidos partimos para esta luta para darmos aos nossos filhos o pão de cada dia.

Portanto, aqui estamos pedindo apoio a todos os irmãos que têm espírito humano para que possamos unidos vencer. Pois um pai de família honesto sente o coração retalhado de ver seu filhinho vir lhe encerrar todo satisfeito e perguntar: pai, trouxe pão? E o pai lhe dá um abraço e nada mais tem condição de dizer. E o que faz tudo isso é simplesmente o salário miserável que recebemos.

Com tudo isso, nossa greve foi julgada ilegal por falta de uma associação registrada, dizem alguns homens da lei. Mas a nós não interessa fazer associação ou não e esperar deferimento até morrer de fome e ver nossas famílias caírem em esgotamento físico que na realidade é fome, falta de alimentação adequada. Um pai de família que ganha 3 mil cruzeiros por mês tem condição de manter a família?

Contamos com a colaboração e o apoio de todos: da Ordem dos Advogados, das Igrejas, das associações de estudantes, e de todo o povo amigo de Cuiabá (Os vigilantes de Cuiabá, MT)



Pobre unido é pobre forte

Quando a gente diz que esse governo representa os interesses dos ricos estrangeiros e dos ricos nacionais e que para esse governo o pobre só serve para ser explorado e humilhado, é porque todo dia topamos com esta verdade. E quem é pobre sente isso todo dia.

Já não bastam os baixos salários que recebemos nas firmas onde trabalhamos, o péssimo transporte coletivo que suportamos e a carência de vida que tá difícil de agüentar. Vem um representante da FEEMA dizer para os diretores da Associação dos Moradores do Conjunto Habitacional da Avenida Brasil (Rio) que o trabalho de desratização do órgão só se destina à população da área restrita entre a zona sul e a Tijuca. Quanto ao serviço do fumacê só chega até o bairro de Ramos. Parece incrível, mas é a pura verdade.

Nós pagamos impostos, somos cidadãos brasileiros, vacinados, cumpridores dos nossos "deveres". Por que então esta discriminação? Por sermos pobres? Justamente! Por sermos pobres!

Então como a gente pode solucionar esses problemas, se não

temos poder nenhum para modificar essa palhaçada? A resposta é: **união**. Pobre unido é um pobre forte, suficientemente capaz de modificar o que ele deseja. Nesse sentido é que eu, como morador do conjunto e sócio da AMCHAB, vejo por demais importante o fortalecimento de nossa associação. Participando, discutindo e analisando os problemas que nos cercam é que iremos fortalecer a comunidade. Também é nesse sentido que a AMCHAB tem promovido diversas manifestações de protesto contra o total abandono em que se encontram o conjunto e suas imediações por parte das autoridades competentes.

Por esse motivo se realizou no dia 28 de abril uma manifestação em forma de mutirão para exigir o direito que a gente tem de desfrutar de um rio limpo e canalizado, sem ratos, baratas e mosquitos. Nessa ocasião foram convidadas diversas autoridades, mas nenhuma compareceu. Mesmo assim fizemos a manifestação, que contou com o apoio de várias associações de moradores do Rio. (H.E.A.V. - Irajá, RJ)

Pomar, um operário te saúda

A entrevista de João Amazonas na *Tribuna Operária* sobre o destemido dirigente comunista Pedro Pomar, que lutava pela união e a vigilância do Partido, me levou a relatar uma lembrança sobre ele.

Em 1947, no Recife, quando Pomar estava assistindo à preparação da Conferência do Partido, um delegado representando o município de Olinda foi reconhecido como traidor do movimento revolucionário de 1935. Foi desmas-

carado, obrigado a entregar sua credencial e a retirar-se do recinto. Pomar tomou uma atitude firme. Eu era nessa época jovem e autêntico operário, ligado à produção como ajudante de serralheiro. E fui então indicado por Pomar como delegado. Mas como certos dirigentes não gostavam de operários, a composição foi outra. Lembro-me de Pomar por ter me indicado como operário. (Um operário metalúrgico - Rio de Janeiro, RJ)

Povo unido para não ser comido

Pra todo um povo sofrido venho dizer minha opinião. Sei que é simples e mal escrita, mas feita com o coração.

Acho que todo trabalhador tem, mais que nunca, estar unido seja operário, camponês, servidor pra gente não ser comido.

Comido por esses estrangeiros sendo os americanos primeiro, também pelos exploradores que se dizem brasileiros.

Nosso dia há de chegar Não temos nada a perder De uma coisa eu sei: de fome, ninguém quer morrer.

Maneiras, a gente tem muitas, as greves aí estão pra mostrar. E os camponeses em armas exemplo estão a nos dar.

Então todo povo vai ter alegria de viver. Com poder, trabalho, terra, cada vez mais se desenvolver.

(Moisés, o poeta do povo - São Paulo, SP)

Em Caxias do Sul até no 1º de Maio patrões exploram o operário!

O verdadeiro motivo que me levou a traçar estas linhas é um fato que acontece aqui em Caxias do Sul, mais precisamente na grande indústria de meios de transporte Randon S/A.

Uns vinte dias antes do 1º de Maio, a direção da empresa Randon S/A achou por direito convocar o pessoal para efetuar um balanço no dia do trabalhador. Para clarear mais: os operários teriam que trabalhar no seu próprio dia, para engordar mais seus opressores.

Naturalmente, assinados os estatutos, os operários não teriam outra escolha senão trabalhar, ou sofrer as consequências da não aceitação da ordem. Acredito que todos sentiram ter que trabalhar num feriado, mas a necessidade do emprego falou mais forte. Eu mesmo, como todos precisam de



No Rio de Janeiro, o Dia do Estudante Secundarista

Homenagem a Edson Luis é lutar

No dia 28 de março os grêmios do Rio de Janeiro promoveram um show pela passagem do Dia Nacional do Estudante Secundarista.

Este show contou com a colaboração de diversos estudantes cariocas, que mostraram com sua organização o outro lado do estudante secundarista: aquele lado que a repressão pensou destruir com o fechamento da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e das diversas entidades estaduais.

Hoje, o estudante secundarista se levanta para a união, sofrendo

alguns problemas, mas com coragem de enfrentar e lutar até o dia da liberdade, quando estudantes, trabalhadores, enfim todo o povo tiver as mínimas condições de vida.

O dia 28 de março foi escolhido como dia nacional do estudante porque foi nesse dia, em 1968, que a repressão assassinou o bravo secundarista Edson Luis. Esperamos que este dia seja lembrado sempre pelos que lutam por uma melhor qualidade no ensino e pelas liberdades deste povo oprimido. (L.F. - Rio de Janeiro, RJ)

Mais respeito aos artesãos!

A cada dia que passa mais aumentam as perseguições a hippies, artesãos e artistas em geral que expõem nas ruas e praças do Brasil. Quando o governo não toma o trabalho artístico ou artesanal proíbe que o mesmo seja exposto.

De fato, o que o governo deveria fazer era prestigiar e até incentivar a arte e o artesanato e não perseguir pessoas que pacatamente estão tentando sobreviver, ao invés de roubar ou ficar sem fazer nada. Ao perseguir e dificultar a vida dos hippies, artesãos e artistas que expõem nas ruas e praças, o governo deseja aumentar o índice de criminalidade, deixando muitos até sem emprego.

O objetivo desta carta aberta é solicitar ao governo e ao povo em geral uma maior compreensão, incentivo e apoio para a arte e o artesanato no Brasil, que são também trabalhos. Um artista ou artesão também é um ser humano produtivo e positivo para a sociedade. A arte e o artesanato merecem algum respeito por parte do governo. (L.R.T. - São Paulo, SP)

Denúncia contra os grileiros de Viseu

A Colônia de Baixinho, no Pará está invadida por um grileiro chamado José de Freitas. Os colonos pedem energia providência em relação a esses fatos que vêm ocorrendo com os mesmos. Há um ano José de Freitas está fazendo invasões nas terras de Igarapé de Areia.

A situação de Vila de Alegre: esta terra está sendo invadida por um grileiro chamado Cristiano Lopes. Este povo destas localidades pede que se tome energias providências quanto aos fatos que vêm ocorrendo.

A colônia de Japim está sendo ameaçada por 10 grileiros, sendo o chefe deles Onélis, fazendeiro de Piriá, pertencente à BR-316. Os colonos todos afirmam que a Conduru não tem terra e está alojada nas terras dos posseiros.

A situação das colônias de Água Preta, Valdemar, Livramento e Piriá: estão sendo destruídas pelo

fazendeiro Meje desde 1972 e pedimos providências do nosso governo. E o povo da Colônia Beija-Flor e Centro Alegre está sofrendo a mesma ameaça por parte da Cidadá e pede as mesmas providências. Cachoeira e adjacências vêm sofrendo ameaças dos grileiros de Cidadá, José de Freitas e Ricardinho.

Os colonos da Vila de Alegre que viajavam para o Km 104 da Pará-Maranhão estavam se dirigindo a uma missa na Vila do Km 47. Às 18 hs. da noite foram atacados pela polícia do Alto Bonita e os que dirigiam o carro gritavam para que matassem as pessoas de Alegre.

Os colonos afirmam que é mentira, que nunca o padre mandou ninguém matar e invadir terra de ninguém. Mas caros amigos, a voz do povo é a voz de Deus. Poder do povo é o poder de Deus. (Posseiros de Viseu - Castanhal, PA)



A FASE apóia os camponeses de Viseu

Os fatos ocorridos no município de Viseu nos últimos meses atestam mais uma vez a situação de abandono e miséria em que se encontram as massas camponesas e operárias em nosso país, vítimas da brutal exploração que sofrem por parte dos que detêm o poder econômico e político.

Mais uma vez os exploradores do povo apelam para ações violentas e covardes a fim de procurar quebrar a resistência heróica dos camponeses na luta pela defesa de sua

terra e seus direitos.

Queremos expressar nosso repúdio a todos esses atos de violência ocorridos no município de Viseu e prestar todo nosso apoio e solidariedade aos camponeses pela luta que vêm desenvolvendo por seus direitos, reafirmando nossa crença de que é na luta e organização autêntica do povo a partir das bases que se encontram a esperança e a certeza de dias melhores. (FASE - Equipe Salvador Bragantina - Castanhal, PA)

O Deus do Bradesco é o dinheiro

O Bradesco tem razões suficientes para ser o maior banco particular da América Latina, pois usa das mais variadas formas de exploração de seus funcionários, passando por cima da CLT, que já é feita nos moldes da burguesia.

A falta de liberdade e a repressão aos funcionários chegou a tal ponto que proíbe a todos dar ou receber telefonemas. Quem desconhece essas arbitrariedades é imediatamente demitido, como está acontecendo constantemente com nossos companheiros.

O Bradesco, o banco "que acredita em Deus", com seus imensos lucros paga salários que não dão para satisfazer as mínimas necessidades de seus funcionários. Ainda por cima, transgredir acordos salariais. A ajuda de custo do pessoal que trabalha à noite não chega às mãos da maioria. Além do mais, obriga os funcionários a trabalharem com ótimas aparências, ou seja, bem vestidos, cabelos e barbas cortados. Será que o salário de fome do Bradesco permite que seus funcionários usem bons trajes?

As condições de trabalho são as piores possíveis, a começar pelas irregularidades de horário, principalmente noturno. Existem setores em que os funcionários trabalham 8 a 14 horas consecutivas, sem descanso, com uma merenda oferecida pelo banco que se resume a um pão doce ou queijo e copo de refresco. Merenda esta que é feita enquanto trabalha, pois nem são permitidos os 15 minutos de descanso obrigatório após 4 horas de trabalho consecutivo.

Companheiros: estas são apenas algumas irregularidades que estão vindo à tona. Existem muitas outras que precisam ser denunciadas. O nosso sindicato aí está. Mas onde se encontra a diretoria, que não toma conhecimento das nossas dificuldades? A omissão contribui com a exploração e consequentemente aumenta o lucro dos patrões. É necessário que cada colega dos diversos departamentos esteja atento. Só organizados em comissões por banco e forçando o sindicato a assumir nossas lutas podemos dar um basta a esta situação. (Oposição Sindical bancária - Salvador, BA)

Resultado da Rifa

Comunicamos que a rifa de um quadro de Elifas Andreote, promovida pela *Tribuna Operária*, correu no dia 10 de maio, pela Loteria Federal, sendo premiado o número 2.200. O vencedor pode entrar em contato com nossa redação, para receber o prêmio. Aproveitamos para agradecer a todos que participaram da rifa, ajudando a sustentar o jornal.

Posseiros derrubam cerca

São 50 famílias, com cerca de 500 pessoas, que moram em Ilha Grande, região vizinha de Jequié, Bahia. Residem numa área de 5 mil hectares. Já moram ali há 150 anos, onde a terra passa de pai para filho, todos trabalhando na roça. Por lá não existe escola: a mais próxima fica a 4 km de distância, o médico fica a 72 km e cobra 500 cruzeiros por consulta. Ali as mulheres morrem de parto com frequência e uma vez morreram quatro crianças em apenas uma semana.

Há dois anos, o sr. José Gomes Guimarães (Zito Gomes), grande fazendeiro da região, começou a ameaçar os moradores de Ilha Grande, afirmando que era dono daquelas terras. Chegou mesmo a mandar pistoleiros para amedrontar os posseiros. O certo é que nunca apresentou nenhum documento que comprovasse ser ele o dono das terras. Em 1979, Zito Gomes mandou medir e cercar toda a região; só ficaram de fora as casas.

O posseiros, procurando solução para tamanho roubo, foram ao prefeito da cidade mais próxima (Iramala). Daí seguiram para Salvador enviados por amigos do prefeito. E, no final, pararam diante de um advogado desonesto o bastante para ficar com os recibos dos posseiros e nada resolver.

Aí, foram informados de que deviam procurar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequié. Juntamente com o advogado do Sindicato tem-se tentado a todo custo reaver os documentos que o advogado de Salvador até hoje não devolveu. Ele afirma que só devolve os documentos mediante o pagamento de 10 mil cruzeiros por cada posseiro.

Diante de tamanho roubo e desonestidade os posseiros não puderam esperar por mais nada. Reuniram-se e derrubaram a cerca. Dona Maria Vitória de Lisboa, hoje com 89 anos, moradora da antiga Ilha Grande acha que o pessoal não deve entregar sua terras: "os donos somos nós que estamos aqui há 150 anos". (F.F. - Jequié, BA)



Funrural é para judiar do povo

O Funrural de Guanambi, que faz convênio com a Cooperativa Agropecuária (órgão dos burgueses e latifundiários da região), não vem atendendo os trabalhadores rurais como devia.

Acontece que são distribuídas 40 fichas por dia, sendo que os sócios da Cooperativa são atendidos sem fila e na frente dos trabalhadores, enquanto estes são obrigados a suportar filas enormes. Além disso, o lugar onde é feita a distribuição de fichas, serve de depósito para produtos químicos (venenos), o que vem provocando mal estar nas pessoas por causa do cheiro, chegando alguns trabalhadores, e principalmente crianças, a vomitar.

O médico do hospital, Dr. João de Castro, além de andar sempre bêbado, no último domingo (13 de abril) se recusou a internar a mulher de um trabalhador rural que estava grávida e na hora de ter menino.

Mesmo tendo a ficha fornecida pelo Funrural, que dá direito ao trabalhador de não pagar exames, medicamentos e alimentação quando estiver sob cuidados médicos, o Dr. João Castro cobra 500 cruzeiros para examinar o doente, aproveitando da boa fé dos trabalhadores rurais de nossa região.

Outra coisa muito grave é o fato da ambulância do Funrural (comprada com o dinheiro dos trabalhadores rurais) nunca ter carregado um trabalhador, quando se precisa. O carro anda pra cima e pra baixo na cidade, servindo a todo mundo, menos ao trabalhador, que na hora da precisão nunca sabe onde achar a ambulância. (Um trabalhador rural de Guanambi, BA)

Queremos falar frente a frente ao governo

Mais uma trama diabólica da ditadura, como sempre pensada e executada nos gabinetes em Brasília. Uma certa confusão foi criada nas organizações populares. Ficamos bastante tempo procurando definir em qual partido a gente entraria, pois no PT, PMDB e PTB inegavelmente tem setores populares, com companheiros combativos dentre deles.

Mas eu acho que no estágio atual a organização com maior espaço para o trabalhador se fazer ouvir dentro dele é o PMDB. Isto porque neste partido conquistamos o direito de organizar a Tendência Popular, onde podemos lutar para ter voz forte. Até agora, as organizações legais falaram por nós: nunca falamos frente a frente.

Entrando para estas organizações políticas temos que discutir de igual para igual com os intelectuais e outros setores progressistas e temos que procurar expulsar de nosso meio os setores golpistas. Desta forma, os trabalhadores e todos os setores progressistas, juntos poderemos discutir as formas de transformar esta sociedade injusta.

Com o esforço e a união destes setores podemos pensar no socialismo e na melhoria de condições de vida, principalmente dos operários e demais setores populares. O caminho é difícil, mas unidos chegaremos lá. Mãos à obra.

Aqui no Rio nós criamos há um ano atrás um jornal dos bairros. Mas até agora, por falta de um programa mais definido, avançamos pouco. Agora estamos clamando os companheiros que nos ajudaram a criá-lo para um novo passo: vamos reerguê-lo, aqui e agora. (José Alves Barbosa, presidente do jornal Boletim dos Bairros - Rio de Janeiro, RJ)



A Toko veio do Japão chupar nosso sangue

A "Toko do Brasil" é uma empresa japonesa que produz peças para rádio e televisão. Tem cerca de 1.500 operários, em sua maioria mulheres. A idade varia de 14 a 20 anos.

Quando as operárias chegam atrasadas ou conversam na seção, a empresa, como forma de repressão, manda carta para seus pais. Na fábrica se usa um calçado especial que é comprado com o dinheiro das operárias. Quando elas querem sair, nos intervalos, não podem ir de sapato. Então elas saem descalças, com os sapatos na mão.

Quem dá hora para saída é o chefe. Quando bate o sinal, ele passa de seção em seção avisando. Com isso elas trabalham sempre 10

minutos a mais. Na empresa tem alto falantes nas seções que ficam repetindo: "mais produção, mais produção". Você precisa melhorar a produção". Algumas seções têm que produzir 5 mil peças por operária.

No fim de março foi organizada uma assembleia na porta da fábrica, para as companheiras discutirem a exploração que estavam sentindo. O objetivo era discutir a questão do calçado, a limpeza da seção, o atendimento médico e o horário de saída.

Na assembleia foi discutido que o fato de muitas operárias estarem descalças era escravidão. Que elas devem usar sempre o sapato porque quando ficam doentes o patrão nem se toca. Elas têm que

trabalhar doentes mesmo. As companheiras chegaram à conclusão também de que não iam varrer mais a seção após o expediente, como se usava anteriormente. Uma seção conseguiu se comunicar com a outra e através disso elas não varreram mais a seção. Com isso, houve muitas punições. Meninas levaram advertência, suspensão e algumas foram mandadas embora. Mas mesmo assim, conseguimos uma grande vitória, obrigando a firma a contratar mais faxineiras para fazer a limpeza. Essas assembleias nas portas das fábricas vêm sendo organizadas pelo sindicato de Osasco, com o objetivo de incentivar a campanha salarial. (E. - Osasco, SP)

Uma rosa para Flávia

Flávia é uma moça, como milhões de moças. Brasileira, como milhões de brasileiras. Juntamente com a família, foi morar no Uruguai. Flávia sempre gostou, como todo ser humano, de justiça. E sabe que justiça tal como liberdade, não se pede como esmola; consegue-se com batalha.

Flávia lutava junto com os estudantes e os estudantes junto com o povo. Uma bala porém, disparada pela sanguinária ditadura uruguaia, atinge o pescoço de Flávia. A bala dos que são contra os estudantes, contra o povo, e contra a liberdade coloca Flávia nos gelidos cárceres uruguaiois.

A bala pegou Flávia, ela tinha quase vinte anos. Muitos Natais, aniversários, quase oito, passou na prisão. E a crueldade da ditadura uruguaia açoitando Flávia. Foi usada até para treinar cachorros policiais. O que maneja viva esta jovem brasileira? Se não foi seu profundo espírito de justiça, seu amor infinito aos que sofrem, sua vibrante vontade de transformações?

Por estar dentro da movimentação popular, foi parar na prisão. Esta mesma movimentação tem a responsabilidade de arrancar Flávia

do cárcere. Milhões de panfletos foram distribuídos pelo Brasil afora, exigindo a libertação de Flávia. Muitos abaixo-assinados foram escritos. O glorioso Comitê Brasileiro pela Anistia, com firmeza, organizou o processo de luta. Tudo era dirigido contra a ditadura brasileira e a ditadura uruguaia. O grito de liberdade por Flávia principiava a ser entoado por todos os recantos do Brasil.

Somente quando a situação estava neste pé é que o governo brasileiro, pressionado, pressiona também o governo uruguaio. O governo brasileiro, mesquinho, quer angariar capital político sobre a liberdade de Flávia, fazendo passar para muitos que foi o autor da saída da brasileira da prisão. Todavia, a multidão que aguardou Flávia em São Paulo, mostra quem foi a verdadeira autora desta linda conquista: a rica manifestação popular arrancou-a das masmorras, vergando duas ditaduras: a brasileira e a uruguaia.

A história desta brasileira vibra todos nossos corações. Flávia, receba, em forma de escrita, esta rosa que lhe ofereço! (J.P.D. - São Paulo, SP)



Juventude, lutar é mais importante que curtir

Quero falar de algo muito mais atual do que todas as "ondas", do do que todas as "curtições". Juventude! Algo mais importante nos espera, muito mais vivo do que as discoteques americanas, do que as ondas novas que chegam, do que os tóxicos que muitos consumimos e que vão nos consumindo! Algo que dá também muito mais razão para nossa rebeldia.

Jovens companheiros! Nossos pais não são os culpados e nem os responsáveis por esse difícil entendimento entre jovens e velhos. Nós sabemos, descobrimos enfim quem é o culpado. Por que a classe trabalhadora se volta contra a ditadura e contra o regime explorador dos patrões capitalistas? — Porque o regime é o grande culpado.

Descobrimos que temos que apoiar os trabalhadores na luta contra esse regime egoísta que nos oprime há tantos anos. Descobrimos que se não nos unirmos contra os opressores seremos cada vez mais reprimidos por eles.

Então, companheiros! Isso é realmente muito mais importante do que qualquer onda. Temos que assumir esse algo que nos espera com seriedade, consciência. Temos que nos unir à classe trabalhadora para acabar com a miséria, com as injustiças, com toda forma de repressão e ditadura.

Enfim, companheiros, todas as lutas populares terão que ser nossas lutas, pois o destino do país está nas mãos dos trabalhadores. (A.C. - São Paulo, SP)

ABC DA GREVE



O ABC não inicia somente o abecedário. Determina a força do operário, unido em Santo André, São Bernardo, São Caetano e onde for preciso.

A greve é como um piso por onde marcha de braço dado o compromisso do homem com seu trabalho.

A parede feita pelo operário fica de pé. Mil máquinas paradas. Cem oficinas fechadas. Trinta comícios de rua.

A greve é o muro onde o operário acua o patrão no compromisso do homem com seu futuro.

Com quantas letras se faz a greve? Com quantos braços cruzados esta parede? Quantos sinais constroem o alfabeto?

No ABC de São Paulo o operário vê no muro seu trabalho: Unidos venceremos!

(I.M.S. - Salvador, BA)



Os gases do lixo trazem doença ao povo de Pedro Nunes

Para o povo da periferia, lixo!

Durante muitos anos funcionou clandestinamente um porto de areia no bairro de Pedro José Nunes, distrito de São Miguel Paulista (SP). Apesar da proibição do Ministério das Minas e Energia, a Administração Regional nunca fez nada para fechá-lo.

E o administrador não pode alegar que desconhece os problemas do bairro: vários abaixo-assinados, concentrações na porta da administração, mostraram que os problemas do bairro são grandes e a vontade de melhorar a situação por parte dos moradores é maior ainda.

Apesar de algumas vitórias, a maioria das reivindicações ficou sem atendimento. Mudou o prefeito, Maluf colocou seu homem de confiança no posto. E para S. Miguel foi enviado um administrador que disse que ia resolver todos os problemas. E para começar resolveu aterrar o porto de areia com lixo. Transformou a enorme cratera com mais de 50 metros de profundidade numa enorme lata de lixo.

E a vida dos moradores tornou-se pior ainda. Nuvens de insetos invadem as casas, os gases que saem

do lixo provocam doenças nos moradores. E muitas crianças ficam revirando os montes de lixo à procura de algum objeto de valor. Algumas já contraíram doença por causa disso.

O administrador parece empenhado em mostrar que cada governo que entra é pior ainda do que o anterior. Com essa medida absurda, ele prejudica os moradores de Pedro Nunes, Jardim das Camélias e Vila Jacuí. E pela primeira vez essas vilas vão poder se unir para fazer uma luta em comum. Os moradores estão dispostos a provar que o aterro do porto de areia é uma necessidade dos moradores, mas que aterrar com lixo é uma arbitrariedade do administrador regional.

Ele vai ficar sabendo que os moradores da periferia moram em condições miseráveis porque querem, mas porque a especulação imobiliária, os salários baixos, a carestia de vida e a política do governo assim obrigam. E vai também ficar sabendo que o povo sabe se unir e acredita na sua força. E vai ter que dar um fim naquele lixo! (Um morador de Pedro Nunes - São Paulo, SP)

As mulheres vão quebrar coco. Os Jagunços atiram!

A coisa que mais atrapalha nossa vida é a falta de terra livre para nós trabalharmos. O povo aqui não tem lugar para botar roça. Quando arranja um local é nas terras dos latifundiários, que vieram do Ceará e cercaram tudo. As mulheres têm que ajudar nas despesas de casa. E o único meio de arranjar dinheiro é quebrando coco. Mas o coco está impedido, debaixo de ordem. Assim, não se pode quebrar.

A precisão é grande demais, porque só a roça não dá para as despesas e a gente tem que entrar; se não, morre de fome. Quando menos se espera, aparece um tal de vigia, ameaçando de cortar o cofo. E muitas vezes corre atrás das mulheres ameaçando atirar nas pernas e quebrar as canelas. Isso já aconteceu em 1977, na Lagoinha, município a 6km de Esperantinópolis. Um parente do prefeito mandou o vadeiro atirar nas quebraadeiras de coco. Deram 12 tiros

nas mulheres e elas correram para dentro dos matos, perderam os machados e os cofos, caíram dentro dos buracos e outras se perderam nos matos.

Tudo isso são alguns exemplos do que ocorre no município de Esperantinópolis. E continuam as mesmas desgraças. Em nosso Jiquiri, Francisca Cardoso e Francisca das Chagas foram ameaçadas este mês. Por isso, estamos passando grandes dificuldades com nossos filhos e esposos. Não temos direito nem às cascas dos cocos para fazer carvão. Quando quebramos um quilo de coco temos que vender para o dono da terra, num preço mais baixo que os outros comerciantes.

Nós perguntamos: Esse é que é um grande Maranhão para todos, como diz o bionico João Castelo? (A.M., Z.C., F.R.O. e G.B. Esperantinópolis, MA)

Odontologia de Alagoas: horror para aluno e paciente

Estou escrevendo para esta tribuna com o objetivo de denunciar algumas arbitrariedades que ocorrem na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas. O aluno aqui é mais massacrado do que guerrilheiro palestino em território israelense (não tem apoio de ninguém). Os professores são por demais reacionários. Só sabem humilhar alunos e funcionários.

Outra coisa que gostaria de salientar é quanto a umas taxas que a direção pelega cobra dos pacientes, alegando ser para pagar as despesas do material. No caso: amalgama, películas radiográficas, silicato, vernizes, etc. Tudo não passa de uma farsa, pois sabemos que o material é a Reitoria que envia à escola. Resultado: o paciente, além de servir de cobaia, ainda é submetido a exploração.

Tem mais umas coisas que gostaria de mencionar: os equipamentos de alta e baixa rotação quando é dia de chuva dão choque em tudo quanto é cristão: nos ambulatórios, só de jangada consegue-se penetrar. A biblioteca, parece mais uma casa de antiguidades. As salas são tão quentes que dá para chocar ovo. Resumindo: a FOUFAL está em decadência. (Um aluno componente do G.R.T.L. - Maceió, AL)

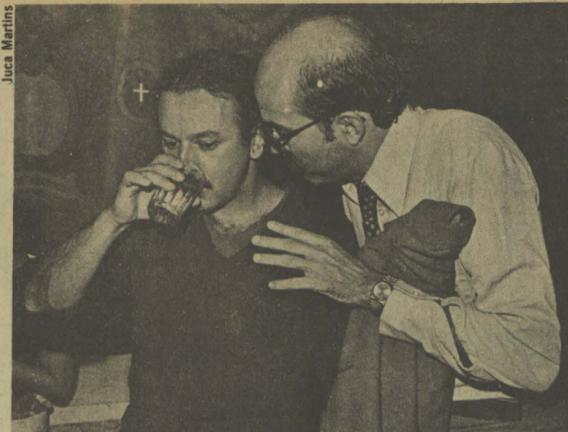
Não se humilha um trabalhador desse jeito

Aproveito as páginas deste jornal, que é a voz das classes trabalhadoras, para denunciar uma arbitrariedade da qual fui vítima alguns meses atrás, na cidade de Caetité, Bahia, num ônibus da empresa Novo Horizonte, que faz a linha Guanambi-Salvador.

Eu vinha da roça, na companhia de minha filha (grávida), com destino a Guanambi. Chegando em Caetité, onde pegaria o ônibus, embarquei e, achando duas cadeiras vazias, sentei, juntamente com minha filha.

Instantes depois, chegaram dois elementos que se diziam policiais dizendo que eram donos das cadeiras e que vinham nela desde Vitória da Conquista. Em resposta, eu aleguei que a própria empresa só considera dono da cadeira quem tem passagem numerada, e nem mesmo um embrulho havia sobre a cadeira marcando lugar.

No ato eles usaram de violência e me expulsaram da cadeira e nisto foram auxiliados pelo cobrador e pelo motorista que acabaram me expulsando do próprio ônibus. Me abandonaram em Caetité, sem eu ter condições de ir para Guanambi. Sem dinheiro, tive que apelar para os populares, que foram me dando uns trocados até que eu tiver suficiente para nova passagem. (Um trabalhador de Guanambi, BA)



5 de maio: repressão violenta causou a revolta. Acima, o deputado Airton Soares convencendo Osmarzinho a entregar-se. À direita, cena da passeata de mulheres.



No ABC, resistência operária

Na última assembléia, advertência aos patrões: "atrás de cada máquina terão um trabalhador em guerra".

"Os companheiros ferramenteiros, sabem o que devem fazer?", pergunta o orador. Uma parte dos 5 mil operários que superlotam a Matriz de S. Bernardo levanta o braço, punhos cerrados: "Sabemos!" Ele continua: "Os companheiros operadores de máquinas, sabem ou não sabem o que fazer?" E assim vai passando em revista toda a categoria, a heróica categoria dos operários metalúrgicos de S. Bernardo do Campo e Diadema: os inspetores de qualidade, os ajudantes de produção, os eletricitistas, mecânicos, os reparadores de máquinas. E todos levantam a mão. Eles sabem o que fazer. Em seguida, Wagner, também do Grupo dos 15, recomenda: "Deixem o amor na porta da fábrica". Depois de 41 dias de greve, iniciou-se ali uma fase nova na luta contra os patrões e o governo.

Produção esculhambada

O boletim do sindicato define as tarefas desta nova fase: "Voltar à fá-

brica não significa produzir. Toda forma de boicote é válida. Nenhuma hora extra! Ela é o fundo de greve do patrão! Marcha lenta! Reduzir a produção! Nenhuma peça a mais! Quanto menos melhor! Esculhambam a qualidade! Vamos arrancar a estabilidade na marra: companheiro demitido, máquinas paradas até a readmissão! Chefe puxa saco e dedo duro têm que aprender a respeitar o trabalhador. Cada um já sabe o que tem que fazer". Os objetivos da luta também estão definidos: "Todas as reivindicações da nossa pauta; libertação dos nossos presos; devolução do nosso sindicato; reintegração da diretoria".

Agora é a guerrilha

Um peão, na porta da igreja, dá risada e comenta com os colegas: "É, a gente vai voltar. Mas também, coitado de quem comprar estes primeiros carros! Quando ligar o limpador de para-brisa, vai acender o farol..."

Logo nos primeiros dias depois da

assembléia, já apareceram os frutos desta nova tática. Algumas empresas, como a Toyota, reconhecem que sua produção caiu bastante. Outras tentam esconder a verdade da opinião pública, como aliás fizeram durante toda a greve. Mas muitos peões, na porta da fábrica, não fazem segredo de suas proezas. Um pintor, da Volks, explica como uma pequena mudança na química das tintas faz a lataria descascar em poucas horas, sob a ação do sol. Outro operário conta das peças que "esqueceu" de lixar e vão enferrujar logo.

De certa forma, a fase anterior da luta podia ser comparada a uma guerra de posições. As batalhas, políticas ou campais, se davam pela conquista do Estádio de Vila Euclides, do Paço Municipal, da Praça e da Igreja da Matriz... Enquanto que agora o que existe parece mais uma guerra de guerrilhas. Não existe mais linha de frente, nem retaguarda. As máquinas, que sempre foram instrumento dos patrões, viram armas nas mãos dos operários.

Cedo para um balanço

Mas a luta não é só dentro das fábricas. É fora também, nos bairros, no sindicato sob intervenção, nas ruas. Está marcada para o dia 25 próximo mais uma assembléia geral da categoria. E a

perspectiva, em seguida, é de uma grande manifestação pública, dos operários e de todos os que se sentem solidários com eles.

Não existem sinais de um fim próximo para o enfrentamento entre os metalúrgicos, sustentados pelo povo, e as multinacionais, escoradas por Figueiredo. Portanto, ainda é cedo para um balanço. Enganam-se os exploradores que já cantam vitória e os frouxos que já choram a derrota. A luta continua.

Numa luta deste porte, é inevitável que ambos os lados saiam chamuscados. As montadoras de automóveis de S. Bernardo deixaram de produzir 75 mil veículos durante a greve e agora estão com uma produção que em boa parte só presta para a sucata.

Importância das reservas

Do lado dos metalúrgicos, as baixas também são consideráveis: Lula e vários outros líderes de prestígio presos, os sindicatos sob intervenção, as demissões em massa que abrem claros importantes justamente quando a organização dentro da fábrica assume mais do que nunca uma importância de vida ou morte.

Num quadro destes, cresce a importância das reservas, de um e do outro lado. Os patrões acionam as suas — o

governo antioperário, a polícia e o Exército, a grande imprensa, rádio e TV, instrumentos de sua propaganda. Os operários valem-se de suas reservas internas, do capital político e organizativo que acumularam com o aprendizado destes dias. E apelam para suas reservas externas, em primeiro lugar, à solidariedade política de seus irmãos de classe e do povo em geral.

O fato é que o governo do general Figueiredo está jogando tudo do lado dos capitalistas e transformou a campanha salarial do ABC num enfrentamento direto com o regime militar. Diante disso, a tarefa da solidariedade ganha uma nova dimensão, maior ainda do que quando as fábricas estavam vazias.

Aumenta a importância da ajuda material, pois as demissões se realizam às centenas e ameaçam atirar muitas famílias metalúrgicas numa situação de miséria.

Na opinião do comando de greve, porém, a solidariedade mais importante é a política, ativa e de massas. E também os peões de S. Bernardo esperam, da sua classe e do povo em geral, uma resposta à altura do momento extremamente grave que o governo do general Figueiredo provocou com sua política de fome e opressão. (Bernardo Joffily)

Tribuna da Luta Operária

Homenagem a um piqueteiro: estilingue

"Como nós vamos ter que voltar ao trabalho amanhã, em Santo André, eu, que estive no quebra-quebra de São Bernardo hoje, (dia 5) vou dar os meus dois estilingues, como medalha, aos dois melhores piqueteiros que conheci nesta luta". O jovem operário encaimhou-se para os companheiros e os "condecorou" com os estilingues.

Esta cena causou emoção entre os 150 metalúrgicos presentes a uma reunião num bairro próximo de Santo André. Principalmente porque quem fez isto foi o "Alemão", um rapaz brincalhão e que até ali parecia que estava na luta por brincadeira.

"Alemão", que já trabalhou em inúmeras fábricas do ABC, é um exemplo da evolução do nível de consciência dos jovens operários durante as últimas lutas grevistas. Ele conta:

"Na greve de 78 eu não participei de nenhuma reunião. Aproveitei o tempo para assistir desenho animado na TV. Em '79, eu trabalhava em São Caetano e tive que participar mais devido ao sindicato ser fraco. Fiz piquete, levei folhetos e participei das assembléias. Cheguei a entrar numa assembléia com a bandeira do Corinthians e por isto fui vaiado. Fiquei chateado e me afastei". Alemão dá uma risada e prossegue:

"Eu era moleque. Agora nesta greve eu comecei a participar mais. Participei das reuniões no bairro e falei no microfone. Não tive nem tempo de dormir. De madrugada era o piquete, depois ia à Assembléia. Também ajudei o Fundo de Greve, coletando dinheiro nas fábricas de São Paulo. E à noite, participei de todas as reuniões. Hoje sei que a greve não é ficar parado em casa ou no

boteco, esperando que os outros resolvessem as coisas por nós".

Aquela reunião em que Alemão deu os estilingues estava carregada de entusiasmo devido à luta contra a polícia na assembléia da manhã. Ele falou calmamente, não fazendo micagens como nas outras vezes e, com raciocínio lógico e compreensível, criticou os colegas que não foram à assembléia decisiva, e os pelegos de seu sindicato.

"Para mim a greve foi positiva. Nós abalamos o governo, eles que se dizem tão fortes. E além disto, chamamos a atenção, de todo o país e do mundo. Eu cheguei a ver uma parede de 3 por 7 metros cheia de telegramas de apoio. Muitos moços como eu começaram a participar. Eram acomodados e agora estão lutando.

Os operários e os soldados

Durante a passeata do 1º de Maio, um operário, acompanhado de vários companheiros, criticou duramente um soldado:

"Você não tem vergonha? É tapado mesmo! E se teu filho ou o de um amigo estivesse aqui, lutando, você também daria pancada e jogava bombas? Não vê que estamos lutando pelo que é de direito? Você está sendo tapado. Devia dar pancada no governo que te manda".

Como este, inúmeros outros confrontos entre trabalhadores e jovens soldados ocorreram. E muitos soldados rasos tiveram momentos de indecisão frente à pressão da multidão de manifestantes. Segundo o metalúrgico que criticou o PM, este não reagiu, "baixou a cabeça e começou a chorar".

Durante a manifestação, várias vezes os operários e o povo repetiram duas palavras-de-ordem: "Soldado, irmão, não entra nesta não" e "Soldado, soldado, também é explorado". E nas assembléias metalúrgicas, todas vigiadas pela repressão, os grevistas costumam cantar com empolgação uma estrofe da música *Caminhando*, de Geraldo Vandré, que diz: "Há soldados armados, amados ou não, / quase todos perdidos de armas nas mãos, / nos quartéis lhes ensinam antigas lições, / de morrer pela pátria e viver sem razão".

Alguns soldados reprovaram, em voz baixa, a ação de agentes do Dops contra a multidão na missa do 1º de Maio, que ocasionou o primeiro incidente com grande correria. Vários deles ajudaram as crianças e mulheres para não serem pisoteadas.

O OPORTUNISMO E A LUTA OPERÁRIA

As raízes, o conteúdo e as formas de um mal que no fundo trabalha para perpetuar a escravidão capitalista.

O movimento operário brasileiro luta em duas frentes: a externa, contra os patrões e o governo; e a interna, contra o oportunismo. O 1º de Maio em S. Bernardo mostrou que cada batalha pelos direitos dos trabalhadores precisa triunfar nas duas frentes para ser vitoriosa.

Mal inevitável

O oportunismo é um fenômeno mundial, tão velho como o movimento operário e, de certa forma, inevitável. A própria situação do proletariado dentro da sociedade capitalista cria o terreno para o seu surgimento.

A classe operária não vive fechada numa redoma. Sofre a influência e a pressão das outras classes e camadas sociais. A cada momento, milhares de camponeses, artesãos, pequenos patrões arruinados etc. transformam-se em operários, trazendo sua mentalidade para dentro da classe. Além disso, a burguesia corrompe com altos salários uma minoria de operários que passam a viver e pensar como pequeno-burgueses, tendendo para a traição. E, finalmente, os setores parlamentares, religiosos, estudantis, intelectuais etc., que buscam alianças com o movimento operário, tentam também, conscientes ou inconscientemente, introduzir pontos de vista estranhos à classe operária.

Tudo isso faz com que tendências e correntes oportunistas levantem sempre a cabeça, aqui ou ali. E quanto mais cresce a crise social e política, mais febril se torna a sua atividade.

O objetivo não é nada

Já no fim do século passado, o rematado oportunista alemão E. Bernstein resumia seu pensamento dizendo: "O movimento é tudo, o objetivo não é nada". Hoje, como naquele tempo, a essência do oportunismo continua a ser esta: abandonar os objetivos finais do movimento operário em troca de vantagens de momento; arriar a bandeira da luta pelo socialismo para acomodar-se dentro do capitalismo, pedindo apenas que ele seja "civilizado" e não "selvagem".

Como o camaleão

Ao avaliar uma greve, por exemplo, o oportunista só enxerga se as reivindicações imediatas foram alcançadas ou não. Nunca se pergunta qual foi o resultado em termos de organização e consciência de classe. Despreza os passos que a classe operária dá no sentido de cumprir sua missão histórica e acabar com a exploração do homem pelo homem. Para o oportunista, o socialismo é no máximo uma palavra bonita e óca, para ser usada em discursos e programas.

Mas, se a essência do oportunismo é sempre a mesma, sua aparência varia ao infinito. Ele é elástico, escorregadio, viscoso, justamente para acomodar-se sempre às circunstâncias. Hoje fala grosso, amanhã afina. Como o camaleão, muda de cor conforme o meio ambiente. E, representando a influência de classes e setores diferentes, apresenta particularidades dependendo dos interesses que representa.

No Brasil de hoje, o P" C" Brasileiro ainda é a força mais caracterizada e mais "consequente" no seu oportunismo. A marca registrada da sua linha é apresentar-se como marxista, mas só utilizar do marxismo aquilo que for inofensivo para as classes dominantes e seu regime. Mas é igualmente oportunista a ala sindical representada pelo pelego Joaquim de Andrade. O mesmo se pode dizer da proposta que o PTB de Brizola apresenta aos trabalhadores. E não há como não considerar oportunistas certas atitudes de representantes do PT ou da Igreja no movimento operário.

Por-se apresentar sob várias formas, o oportunismo requer um tratamento diferenciado. Mas por manter sempre a mesma essência, de renúncia aos objetivos finais da classe operária, exige um combate permanente sob pena de o movimento operário marcar a passo em vez de continuar avançando.



"GREVE GERAL"

Nestes dias movimentados, a idéia de uma greve geral anda solta, em S. Bernardo e no Brasil. Foi uma das palavras de ordem que mais empolgou os metalúrgicos em greve, durante o 1º de Maio. Chegou a ser levantada como uma possibilidade até por Arnaldo Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, que está longe de ser um sindicalista radical.

A greve geral e até mesmo as greves locais de solidariedade estão terminantemente proibidas pelo regime militar. Provavelmente isto pesou bastante para que a solidariedade à greve do ABC, apesar de toda a sua extensão, não tenha produzido quase nenhuma paralisação nos locais de trabalho. Mas os senhores João Baptista Figueiredo, Delfim Netto e companhia, que andam dizendo que as greves são um fenô-

nomeno natural no sistema capitalista, devem saber que as greves de solidariedade e a greve geral são igualmente naturais. Agora mesmo, a Suécia foi paralisada por uma greve de um milhão de trabalhadores (a população total do país é de 7 milhões), que conseguiu um aumento salarial de 6,8%, quando os patrões só queriam dar 2%. Os sindicatos ingleses convocaram também uma greve geral para o dia 14.

O fato é que a idéia continua circulando, de boca em boca, pelo Brasil afora. Quando a mesma idéia passa pela cabeça de milhares, milhões de trabalhadores, é porque estão amadurecendo as condições para que ela se transforme em ação prática. E nestes casos não há lei nem decreto que consiga impedi-lo. A história recente do Brasil está de prova.